

dma

Da Mihi Animas

RIVISTA DELLE FIGLIE DI MARIA AUSILIATRICE

2022

ANO LXIX
trimestral

#sinodalidade

«Fate tutto quello che Egli vi dirà».
Gv 2,5

Comunità generative di vita nel cuore della contemporaneità

Editore

Istituto Internazionale
 Maria Ausiliatrice
 Via Ateneo Salesiano, 81
 00139 Roma
 tel. +39 06872741
 fax +39 0687132306
www.rivistadma.org
editor@rivistadma.org
dmanews1@cgfma.org

Direttrice responsabile
 Mariagrazia Curti

Redazione

Maria Ausilia De Siena
 Gabriella Imperatore

**Hanno collaborato
 a questo numero**

Maria Baffundo, Mara Borsi,
 Attilio Danese, Giulia Paola Di Nicola,
 Emilia di Massimo, Mariano Diotto,
 Gabriella Imperatore, Viki Ulate,
 Marcia Kofferman, Paolo Ondarza,
 Andrea Petralia, Eliane Petri,
 Pina del Core, Veronica Petrocchi,
 Célia Aparecida da Silva (traduttrice),
 Cecília Fauza (ditação).

Layout e grafica
 VICIS Srl

Impaginazione e tipografia
 VICIS Srl

V.le delle Provincie, 37 - 00162 Roma
www.vicis.it

Edizione Extracommerciale

La rivista **dma** è realizzata sobre
 carta ecologica certificada FSC,
 costituita de pura celulose e.c.f. e
 por un elevado conteúdo de fibras de
 recuperação (pelo menos 25%).

foto Archivio FMA
 foto Shutterstock



Associata USPI
 Unione Stampa
 Periodica Italiana

SUMÁRIO

Editorial

Uma esperança partilhada **01**

Dossiê

Janela sobre sinodalidade **02**

Edu@car

Busca



12

Horizonte família

Ampliar os horizontes
 do amor



16

Filo de Ariadine

Leadership generativa
 por uma Sinodalidade
 confiável **20**

#150° IFMA



28

Ecologia integral

Uma viagem rumo à
 sustentabilidade no
 espírito holístico da
 ecologia integral **24**

Em êxodo

Com os migrantes e
 os refugiados **28**

#150° IFMA

“Um coração grande e
 generoso”. A maternidade
 educativa de Maria
 D. Mazzarello **31**

Polifonia

Portas abertas, um espaço
 para o Espírito Santo **34**

**#comosjovens...
 em escuta**

Escolher o bem **37**

**Cultura da
 comunicação**

A gestão da
 comunicação em
 perspectiva sinodal **40**

Arte e cultura

Arte e fé **44**

Música

O encontro entre almas **47**

Cinema

Uma família vencedora.
 King Richard



50

Literatura

Boa vida. Tu és uma
 maravilha! **53**

Camilla

É tempo de... escolhas **56**

Dossiê



02

“Como na vida de cada um de nós há sempre necessidade de reiniciar, de levantar-se, de reencontrar o sentido da meta da própria existência, assim para a família humana é necessário renovar sempre o horizonte comum rumo ao qual somos encaminhados”. O horizonte da esperança. (Papa Francisco)

Quem jamais experimentou desânimos, decepções, derrotas? E quem não continua a viver estas experiências?

É a vida! E mesmo que não sejam momentos agradáveis devemos admitir que nos ajudam a crescer, aprofundar-nos na busca do sentido da vida, nos permitem conhecer melhor a verdade de nós mesmos e do mundo que nos circunda.

Uma pequena história nos propõe como modelo um burro, animal que não goza de ótima reputação na comum opinião. No entanto, também os humildes têm sempre algo a nos ensinar...

Pippo era o dono do burro Peppo, ao qual era particularmente afeiçoado. Com ele transcorria agradavelmente quase o dia todo. Um dia Peppo caiu distraidamente em um buraco muito fundo. Imaginem a agitação de Pippo! Tentou de todos os modos tirá-lo do buraco, com todas as suas forças, mas sem sucesso. No auge do desespero, resolveu sepultá-lo vivo. Assim, do alto do buraco, começou a jogar terra que caía em cima do pobre burro. Pippo, incomodado pelo peso que lhe caía nas costas, fazia tudo para liberar-se fazendo cair a terra no fundo do buraco que, então, ia se elevando. Assim, finalmente o burro foi capaz de se salvar e de retomar feliz, a sua vida, acariciado pela luz do sol e, sobretudo, pelo afeto do seu dono. Peppo não se resignou, soube transformar uma situação que poderia tê-lo levado à morte em oportunidade de reconquistar a sua vida, feliz entre os campos; vida que lhe parecia mais bela e alegre após a triste aventura! Seguramente, sozinho não teria conseguido!

No caminho da vida nunca estamos sozinhos. Não devemos permanecer sós. Podemos contar com um “Dono” que nos ama e deseja a nossa companhia. Ao invés de nos dobrarmos sobre as nossas dificuldades, vale investir toda a nossa criatividade para transformá-las em oportunidades de crescimento. É um ato de coragem! Não percamos de vista o horizonte que orienta e justifica nossa busca e seus cansaços; vamos fixá-lo juntos, vamos juntos nos apoiar ao longo do caminho. O horizonte será sempre novo e nos abrirá perspectivas de belíssimas paisagens inéditas. É um presentear-se com a esperança! Bento XVI dedicou à esperança toda uma encíclica, a *Spe Salvi* e colocou bem em evidência as implicações concretas desta virtude teologal, em condição de “produzir fatos e mudar a vida”.

Papa Francisco define a esperança “a menor das virtudes, mas a mais forte”. Ela requer um paciente exercício cotidiano e a confiança no Senhor que conduz a história e a ninguém desilude. Na viagem da vida, uma esperança partilhada alimenta nosso desejo de encontrar-nos, de dialogar, de estabelecer relações, de procurar o bem comum, de sentir-nos irmãos. O desejo de construir um mundo melhor anime o nosso caminhar, hoje mais do que nunca.

A Igreja, em preparação ao Jubileu de 2025, nos convida a aprofundar e viver o slogan “Peregrinos da esperança”, exortando-nos a alargar o olhar ao mundo inteiro. Significativas as palavras de Giacomo Trevisani, autor do logo que sintetiza bem o espírito do percurso de preparação ao jubileu: “Imaginei pessoas de todas as “cores”, nacionalidades e culturas, lançarem-se dos quatro ângulos da terra e se moverem a caminho rumo ao futuro, aos outros, ao mundo, como velas de uma grande nave comum, desfraldadas graças ao vento da Esperança que é a cruz de Cristo e Cristo mesmo [...]. Somos ‘Peregrinos da Esperança’ porque carregamos em nós os medos do próximo no desejo de compartilhá-los e fazê-los nossos”.

Desejamos que a preparação do Jubileu de 2025 seja um treinamento a viver a esperança, uma esperança partilhada.

Editorial

Uma esperança partilhada

Maria Ausilia De Siena, FMA

ausilia@cgfma.org

Janela sobre sinodalidade

DOSSIÊ

Gabriella Imperatore, FMA
gimperatoreit@yahoo.it

Quando os discípulos caminham com Jesus nas estradas de Emaús (Lc. 24,18-35), eles começam recordando os acontecimentos que viveram; depois reconhecem a presença de Deus naqueles acontecimentos; enfim, agem retornando a Jerusalém para anunciar a ressurreição de Cristo. **Reconhecer, interpretar, discernir:** conhecemos bem estas três palavras.

■ Formação, missão, ecologia integral

São 226 as páginas da “Relação sobre a vida e a missão do Instituto das FMA para o sexênio 2014 – 2020” – além do fascículo das Estatísticas – que a Superiora Geral das Filhas de Maria Auxiliadora (FMA), Madre Yvonne Reungoat, junto às Conselheiras Gerais apresentou às participantes do CGXXIV.

“**Renovar-se, regenerar-se a partir da interioridade para sermos fieis ao sonho de Deus e dos Fundadores e para respondermos às expectativas profundas dos/das jovens de hoje.**”

A Relação é a fotografia do Instituto FMA nos seis anos, com os passos dados, os processos em andamento e a serem potenciados, os desafios da contemporaneidade, os vestígios de futuro, conteúdos vitais dos quais emanam um amplo respiro de Igreja, vitalidade carismática e universalidade. A Madre Geral evidencia não só os elementos mais significativos do caminho construído em atenção aos sinais dos tempos, à realidade das Comunidades Educativas e aos desafios da cultura juvenil, às indicações da Igreja e às instâncias da sociedade contemporânea, mas propõe alguns *vestígios do caminho* que se articulam em torno de três palavras-chave: **Formação, missão, ecologia integral.**

“*Dar prioridade à formação em todas as suas dimensões – humana, espiritual, carismática, cultural e profissional – é uma responsabilidade primária e inderrogável. A formação é o melhor investimento e é preciso não sacrificá-la às urgências da missão e isto é possível se formos habitadas pela convicção de que da formação depende a qualidade da vida e da missão do Instituto.*”

Um aspecto específico é a educação à interculturalidade, traço característico da identidade e vocação educativa do Instituto. “A ge-

“A *sinodalidade* não é uma simples discussão. Não é um “adjetivo” e “não é, nem mesmo a busca de consenso da maioria, nem “um plano” ou “um programa”, mas “um estilo a ser assumido”. (Papa Francisco à Delegação dos Movimentos da Ação Católica francesa-Vaticano 13 de janeiro de 2022). O Capítulo Geral XXIV foi um tempo sinodal de revisão, de estudo, de reflexão e de projetualidade sobre o chamado a sermos missionárias geradoras de vida e de esperança no coração da contemporaneidade, para “*Despertar o frescor originário da fecundidade vocacional do Instituto*”, a partir da intuição deixada por Madre Mazzarello e Dom Bosco: “*Confio a você estas meninas*” e “*Da mihi animas, cetera tolle*”.

ratividade que nos une na diversidade de forças, presenças e processos através dos quais se tecem redes, escuta, serviço fraterno, audácia missionária e paixão apostólica, nos abre ao estupor e ao louvor por tudo que o Deus das surpresas realizou em cada uma e no Instituto nesses anos de graça”. (Madre Yvonne Reungoat, Circ.1011)

Em um mundo que tende a excluir e a criar muros, a *intergeratividade* é profecia de um estilo novo de viver como família, irmãos e irmãs, FMA, leigos e jovens em um grande respiro de fraternidade universal e solidária, para garantir continuidade e desenvolvimento das obras em benefício dos mais pobres e excluídos.

O caminho vivido na ótica do Pacto Educativo Global, querido pelo Papa Francisco, é uma solicitação a caminharmos juntos como Família Salesiana, em rede com grupos, Entes e Instituições civis e eclesiais.

O “fio vermelho” que perpassa a relação constitui o caminho através do qual as palavras da Madre e do Conselho Geral se traduzem em ações: plantar uma semente, fazê-la germinar e consentir-lhe de dar frutos para a vitalidade do carisma salesiano hoje, em resposta aos desafios da contemporaneidade.

No texto da Relação percebe-se já o horizonte do tema capitular “*Fazei tudo o que Ele vos disser*” (Jo.2,5). *Comunidades geradoras de vida no coração da contemporaneidade*”, palavra que guiou o caminho das comunidades locais e inspetoriais no aprofundamento dos núcleos do Instrumento de Trabalho Capitular.

■ Enchei de água as talhas

“Escrevemos nestes dias esta página nova de vida e de esperança, com gratidão e disponibilidade, como Maria. Ela, a humilde serva do Senhor, permitiu a Deus operar grandes coisas na sua pobreza, pelo bem da humanidade inteira. Deixemo-nos surpreender também nós, como Maria, pela força do amor do Pai, do Filho e do Espírito Santo”. (Madre Yvonne Reungoat)

■ Recuperar a capacidade de admiração e estupor

A pessoa consagrada é chamada a perguntar-se sempre: “*como situar-se ao interno da cultura e da situação da Igreja hoje?*” Lendo os Evangelhos, a *admiração*, o *estupor*, manifestado pelos seguidores de Jesus por aquilo que Ele diz e faz é evidente. Estupor por aquilo que diz, porque *ensina com autoridade e não como os escribas*. Estupor por aquilo que faz, porque faz tudo bem. (Cf. Mc 7,37). A admiração/estupor abre o coração ao bem, suscitando interrogações que por sua vez geram a fé, que se traduz em seguimento (cf. Mc 1, 22ss). Admiração/estupor é o primeiro passo rumo à reflexão e à contemplação, ilumina a mente, toca o coração, move os pés e as mãos para caminharmos e agirmos.

Admiração/estupor na Vida Consagrada permite dar o primado à transmissão de uma experiência que transforma a vida, abre a porta à narração, a forma mais suscetível de fidelidade à experiência religiosa da Palavra; à confissão que culmina no



gesto: vivido, partilhado (cf. Jo.10,25), que se transforma em arte: memória da história, memória da inquietação religiosa, do desejo de transcendência. Tudo isto culmina na nova Evangelização em uma verdadeira catequese vocacional, uma vez que somente a partir da admiração/estupor podemos nos tornar portadores alegres de propostas vencedoras, “*cuidadoras do bem e da beleza que resplandecem em uma vida fiel ao Evangelho*”.

Se a admiração/estupor é essencial na vida do crente, tanto mais na vida de uma pessoa consagrada na qual o transcendente irrompe no imanente e surpreendente, o inesperado no habitual e incontrollável, o Infinito no finito. Sem admiração/estupor não há silêncio, a mais alta forma de comunicação entre pessoas que se amam, a única linguagem que nos permite compreender o silêncio de Deus em nós mesmas e no silêncio de nosso mundo. Sem admiração e estupor não há amor duradouro, não se mantém a fidelidade ao dom recebido., nem

“**Chamadas a ser vida para todos, luz na missão entre os pobres, carícia de Deus para os mais distantes e necessitados de humanidade e de vizinhança.** (Dom Ángel Fernández Artime, 10º Sucessor de Dom Bosco)

”

se experimenta a alegria da perseverança. Sem admiração e estupor, a relação com o Senhor na vida consagrada se resfria e vem a menos a resposta vocacional. Sem admiração e estupor, a Vida Consagrada perderia a paixão que alimenta a busca e dá sentido pleno ao encontro, como

se lê no Cântico dos Cânticos: “A admiração/estupor provoca e inquieta. Se não queremos nos conformar e deixar que o ardor da nossa entrega ao Senhor esmoreça pouco a pouco e diminua o primeiro amor (cf.Os.2,9) é preciso renovar a

a este desafio é essencial nestes momentos em que a Vida Consagrada, assim como a própria vida cristã, corre o risco de entorpecer-se e de perder o grande desafio que nos espera: “*despertar o mundo*”.

A cultura e a própria Igreja hoje têm necessidade disto!

(Cf. Mons.Carballo José Rodríguez OFM, Secretário da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica: *Rumo a uma vida consagrada mais significativa na cultura e na Igreja, hoje*. Roma, Casa Geral, CG XXIV, 21 de setembro de 2021).





■ A água que recria

"Jesus disse aos servos... enchei de água as talhas até às bordas" (2,7). Havia seis talhas com uma capacidade de 600 litros de água. O número seis exprime o incompleto e o inconclusivo, em contraposição ao sete, que indica totalidade. As talhas imóveis e vazias evocam as leis escritas sobre a pedra, (Deut.9,10; Ez.36,26) incapazes de comunicar alegria e vida. São ineficazes e sem sucesso, esvaziadas de conteúdos reais. Não obstante o aspecto de solidez e estabilidade, as talhas mostram o quanto são frágeis e como podem romper-se ou despedaçar-se. Mas Jesus não faz a menos delas e justamente com elas faz o seu sinal; as

“**Como nos ajudar para que a rigidez de pedra das nossas estruturas ceda lugar à aceitação dos sinais da novidade evangélica? De que modo as nossas comunidades geram vida nova na educação?**”

redime, as recria como vasos capazes de aceitar um novo conteúdo despojado de velhas colheitas. Essas, silenciosamente, desde baixo, aguardam a nova alba e a copiosa redenção que vem do Senhor. A nova purificação será feita com a água do Espírito que transforma a partir do interno, que penetra e permeia tudo. (Cf. José Luís Corral. *Jesus, alegria e novidade. As bodas de Caná e a transformação essencial*).

Os servos não fazem parte da festa se não marginalmente. Maria os torna parte ativa de uma outra festa da qual nem todos participarão. Voltando-se para os servos, alarga as suas conexões rumo àqueles que se encontram na periferia da festa. Preanuncia aqueles aos quais Jesus se dirigirá na sua vida pública, a gente do povo, os pobres, os doentes, os estrangeiros,

os marginalizados, São estes os interlocutores de Maria, e depois o serão do próprio Jesus. O pedido de Jesus é que encham as talhas de pedra com a água. Os servidores se encontram entre as seis talhas de pedra e a água, e as “talhas” em carne e ossos que é Jesus fonte da qual brotam rios de água viva e vinho generoso para a festa. Os servos não deixam os vasos vazios ou pela metade, mas os preenchem até às bordas; colocam aí a medida do sinal. A abundância de vinho exige repetidas viagens que vão do poço às talhas. É mudada em

vinho somente a água que é derramada nas jarras. Hoje, nossas Comunidades Educativas são convidadas a encher seus vasos de água até às bordas, para fazer transbordar o frescor do Evangelho e do Carisma. Enchê-las com a Água que recria o Sistema Preventivo na missão educativa.

(cf. Riccioli Marta Liliana, *Apporto bíblico al documento di lavoro del CGXXIV 2021. "Fatte tutto quello che Egli vi dirà." (Jo 2,5) Comunità generative di vita nel cuore dela contemporaneità*, textos propostos às Capitulares, Roma – Casa Geral 24 de setembro de 2021).





■ Entrevista às Capitulares

Quais são as prioridades no caminho cotidiano com os jovens e os leigos

Durante a celebração do CG XXIV, tivemos em mente, não só estatísticas, ou números, mas sobretudo faces de pessoas, algumas sofridas, tristes, necessitadas, outras felizes, vivazes, expressivas... enfim, faces que trouxemos não só em nossos textos, mas, também, em nosso coração, em nossa oração, para escutá-las e perguntar-lhes o que desejam de nós, para caminharmos junto. Isto é o que surge no meu coração depois de ter contemplado estas faces e escutado essas vozes que recebo como empenho de ser uma Filha de Maria Auxiliadora e que dirijo como apelo a cada uma de minhas irmãs a viver estas prioridades espirituais e carismáticas:

VIVER A COMUNHÃO: reacender o desejo que brotou desde o profundo do nosso ser naquele primeiro chamado, que é trabalhar para a salvação das almas recordando a nossa escolha de vida consagrada salesiana, para vivê-la em comunhão, pelo Reino de Deus.

AMAR-NOS E AMÁ-LOS: abrir, como Filhas de Maria Auxiliadora, o nosso coração salesiano apaixonado à missão de Jesus, para que os jovens nos vejam felizes por estar entre eles, vejam que os amamos sem medo, porque *“quem se sente amado é capaz de dar tudo”* por amor, não por força. Assim eles estarão dispostos a caminhar conosco, oferecendo-nos confiança, para realizar pequenos e grandes projetos, até atingirmos junto a santidade, meta da nossa missão salesiana.

TRABALHAR JUNTO: ter audácia, como FMA, de dar o primeiro passo e de não esperar que sejam eles que venham a nós, acreditando nos jovens e que este “trabalhar junto” seja uma experiência de aprendizagem recíproca.

ESCUTAR-NOS MUTUAMENTE: que os escutemos pessoalmente e acolhamos suas propostas sendo humildes e disponíveis a aceitar as sugestões que vêm deles e que as levemos avante, sempre com a intencionalidade de realizar o Bem.

ACREDITAR EM CADA UM: crer na capacidade do outro e reconhecer que trabalhando junto na corresponsabilidade possamos realizar grandes projetos com criatividade e audácia.

CONTEMPLAR JUNTO: que possamos contemplar cada jovem como “uma terra sagrada”. Considerá-los únicos e irrepetíveis, valorizando-os não por aquilo que fazem, mas por aquilo que são.

AGIR JUNTO: que possamos motivá-los com a nossa vida a agir junto, segundo o Sistema Preventivo que atinge o coração (amovolezza), a mente (razão) e o agir eticamente (religião)

REZAR JUNTO: uma das prioridades é *rezar junto*, antes de realizar qualquer projeto e para além de cada tarefa, obra de caridade e de evangelização: em comunidade “falar a Deus dos outros” e, depois, “aos outros de Deus”; uma outra prioridade é o discernimento, a celebração, a contemplação da Palavra de Deus, deixando-nos transformar pelos Sacramentos e pela oração, para sermos transparência do amor de Deus; assim nossa missão será frutuosa

e todos os nossos projetos levarão a bênção de Deus, porque será este o verdadeiro viver e trabalhar junto no nome do Senhor, promovendo a sinodalidade e a comunhão.

(Irmã Margarita Chavarria, FMA, Inspetora da Inspetoria Nossa Senhora de Guadalupe, México, MME)

Tecer vida

“Fazei tudo aquilo que Ele vos disser” (Jo.2,3) para gerar a vida e vida em abundância. A experiência do XXIV Capítulo Geral foi uma bela escola de formação carismática, de sinodalidade e de empenho para viver a força comunicativa do carisma, que nos solicita a sermos no coração do mundo contemporâneo, em coerência com nosso sermos felizes Filhas de Maria Auxiliadora.

Vivemos com alegria e responsabilidade a missão educacional durante a “Pentecostes carismática”, na qual fomos chamadas a fazer parte da equipe de comunicação, neste belo tecido de humanidade, no qual foi possível construir uma proposta educativa, comunicativa, evangelizadora, integrada, convergente e articulada, assumindo escolhas corajosas no hoje da nossa história.

Uma experiência sinodal que nos empenha a construir comunidades vocacionais, sinodais, em saída, fundadas sobre princípios do Sistema Preventivo de Dom Bosco, que transformam a **Razão** na possibilidade de formar-se e crescer junto com pensamento crítico, senso social e leadership cívica. **Religião** para descobrir a face de Deus nos irmãos, nos pobres, nas famílias, na Criação,

reavivando o próprio testemunho no fogo da esperança, no trabalho colaborativo e em rede. **Amovolezza** que reúne uma infinidade de atitudes que exprimem encontro, escuta, cuidado com o outro, no empenho de gerar o vinho bom que dá sentido ao nosso “sermos sinal e expressão do amor de Deus” em comunidade e entre as jovens.

A experiência da missão educacional neste “Capítulo epifania” se evidenciou no exercício simples e fraterno da escuta, da acolhida da diversidade e da valorização da universalidade do Instituto FMA que nos uniu no espírito de família assim como no empenho de criar ecossistemas comunicativos, chamado ao cuidado da nossa casa comum e ao empenho a viver em equilíbrio, harmonia e reciprocidade.

A vitalidade da força comunicativa pessoal e comunitária gera no coração de cada capitular a graça da comunhão que a todas envolve, que desperta a audácia gerativa de manifestar um novo estilo de formação para construir junto, acreditando na passagem de Deus na vida das pessoas, das comunidades e da missão partilhada.

Agradeço a Deus pela alegria de ser uma educadora de vida FMA, em fidelidade e paixão apostólica, chamada juntamente às minhas irmãs e a Maria, Mãe, a estar atenta no “fazer aquilo que nos diz” como presença que gera vida e cultura na contemporaneidade.

(Rosa Mollo, Delegada da Inspetoria Santa Rosa de Lima, Perú PER)



■ Colegialidade e corresponsabilidade, perseverança e constância

Aquilo que torna o CG XXIV tão único é que a sinodalidade/*unidade na diversidade* é vivida cotidianamente, independentemente das diferenças culturais, geográficas, linguísticas e sociais de seus membros.

Algumas características são importantes para viver a sinodalidade: **a colegialidade e a corresponsabilidade**. Uma vida autêntica requer escuta sinodal, discernimento e caminho conjunto como comunidades proféticas missionárias; tecer relações autênticas, promover a comunhão e despertar a esperança e a alegria na vida de todos, especialmente dos jovens. Esta é a mudança, um caminho integral e radical, pessoal e coletivo. Na fidelidade aos apelos de Deus nesta contemporaneidade se recria a audácia missionária que leva ao Instituto FMA o frescor das origens missionárias, para gerar vida abundante e Vida para todos. As chaves da *sinodalidade* e da profecia marcam o ritmo do nosso caminho e nos impulsionam a fazer escolhas essenciais e audazes, levam-nos em comunhão com outros carismas, a viver itinerantes em “*saída preventiva*”, rumo às fronteiras onde a vida dos jovens mais pobres grita ‘*socorro*’. **Perseverança e constância**: estarmos presentes e acompanharmos a vida das crianças, dos jovens, das famílias como o fez Maria nas bodas de Caná, sempre atenta a seus

gestos e palavras, para intuir aquilo que pode dar plenitude e felicidade à vida deles. Como Maria, “estar lá”. Estar lá, porque o futuro da Igreja e da sociedade se define com uma palavra: *sinodalidade*. Os desafios atuais são tão grandes que somente unindo forças (consagrados, leigos, famílias, crentes e não crentes) se pode assegurar um futuro às novas gerações, como diz o Papa Francisco: “*ninguém constrói o futuro isolando-se*”.



SINODALIDADE

Busca

Mara Borsi, FMA

mara@fmails.it

Pode-se desejar chegar ao céu, superar toda distância, procurar tocar o infinito... ou descobrir que o céu se faz vizinho.

Há uma idade da vida que é particularmente radicada na busca e é a adolescência. Os adolescentes são buscadores por excelência. *O que procuram?* Procuram a si mesmos, mas buscam também pontos de referência, testemunhas em grau de orientá-los a colher o sabor da vida e a importante questão do sentido.

As jovens e os jovens de hoje se mostram frágeis e inseguros, mas há também algo mais. Querem algo que lhes interesse para se sentirem vivos. Este é o maior desafio para os educadores: ajudá-los a encontrar este “algo” sem cair no erro de se substituírem à sua busca.

Por trás do balançar deles, de sua indiferença, frequentemente há o fato de que desejariam empenhar-se em favor de alguma coisa, mas não sabem que direção tomar. Eles gozam de um mundo de energias que não são aproveitadas.

Os educadores mais eficazes são aqueles que não conduzem para si mesmos, mas indicam uma perspectiva de ulterioridade, favorecem o encontro com alguém, com algo que os supere, aproxime de um mistério do qual eles mesmos se sentem parte. Eles sabem que não há herança maior do que a vida que se revela naquilo que ela possui de profundidade, de ardor, de firmeza, de atração, de esperançoso e de possível.

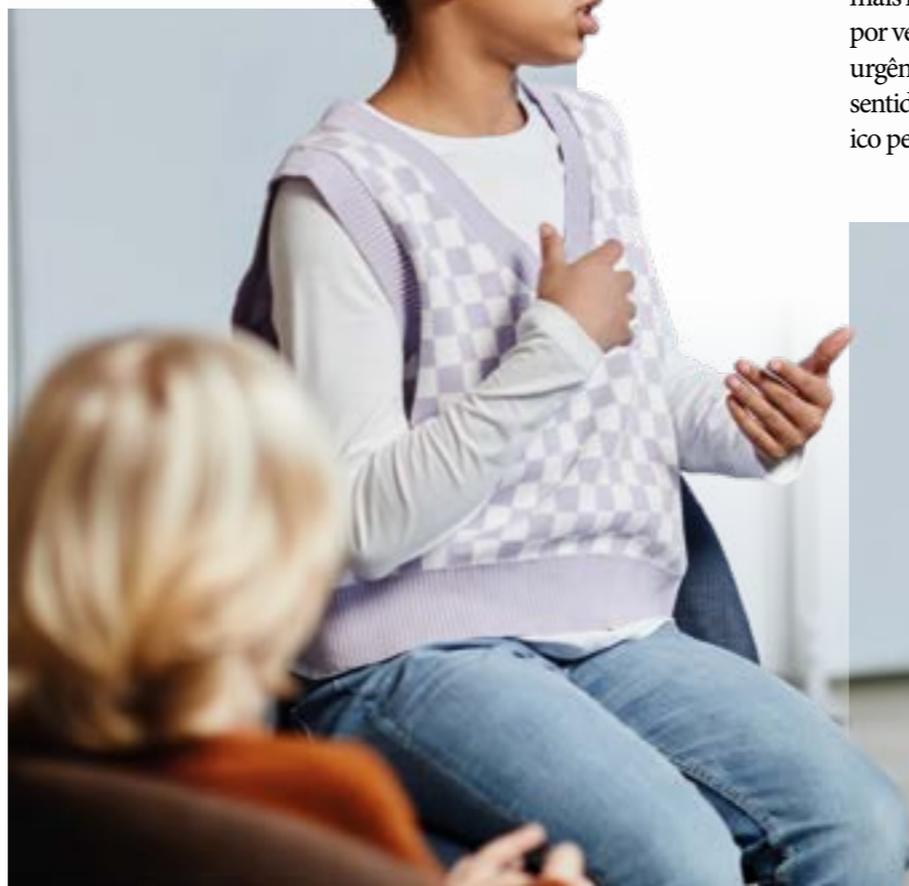
Quem tem familiaridade com o educar sabe que é necessário colocar-se de lado para fazer crescer, admitir o fim dos percursos para gerar o outro em um ulterior crescimento e encaminhar assim uma nova busca.

■ Sem palavras

Hoje, parece faltar aos jovens as palavras para que expressem algo diferente: o “desejo” de uma razão que os faça levantar pela manhã, que os motive ao empenho; que os sustente diante de frustrações; que canalize as muitas energias que têm.

Algo que constitua um objetivo: uma tarefa concreta a levar à frente, pessoalmente.

Após estes anos em que estiveram sob o xeque-ma-



te da pandemia, muitos adolescentes experimentam uma inquietação insidiosa: “Não sei bem do que se trata..., mas não estou satisfeito”; “Sinto que algo não vai bem...estou abatido”. “Não tenho vontade de fazer alguma coisa e nada de nada me importa...”

Uma exigência confusa, não bem definida, que se manifesta como senso de insatisfação; sentimento de vazio que chega ao tédio. Esta vivência testemunha a presença “da vontade de significado” assim como a define Viktor Frankl, psiquiatra vienense, fundador da Logoterapia e Análise Existencial. Trata-se da motivação da pessoa a encontrar e a realizar um objetivo. Além das necessidades bio-psico-relacionais: a exigência - própria de cada ser humano, sem exclusão de alguém - de dar um sentido àquilo que vive. Em particular, a questão que se refere ao sentido da vida é tão importante e tão radical que, por vezes, pode nos sobrecarregar. Isto acontece frequentemente na época da puberdade, no período em que a problemática da existência se apresenta mais forte ao adolescente, enquanto ele amadurece espiritualmente e espiritualmente se tortura. São os adolescentes, portanto, que percebem mais intensamente - embora por vezes obscuramente - a urgência de encontrar um sentido concreto, específico pelo qual gastar-se.



■ Fome de sentido

Pensou-se que bastasse promover as condições socioeconômicas de uma pessoa para que tudo corresse bem, para que ela se sentisse feliz. A verdade é que, não apenas a luta pela sobrevivência cessou, imediatamente surge a pergunta: Sobreviver? Mas, para quê?

O desejo de sentido que os jovens experimentam emerge independentemente de outras necessidades e da própria satisfação deles. A não significação existencial os torna apagados, entediados, inativos, envolvidos pela insipidez em relação ao viver, onde o vazio de sentido surge tristemente em meio à opulência do efêmero.

Esta “fome de sentido”, para usar uma expressão de Frankl, é totalmente fisiológica no processo de crescimento. É símbolo do desejo de dar uma orientação à própria existência; de perceber um contentamento exi-

stencial; de sentir-se artífice das próprias escolhas e condutas de vida. Tais processos denotam uma atitude que deve ser perpassada por toda pessoa em crescimento de modo a poder encontrar um ritmo vital próprio estável, conforme finalidades pessoais e conteúdo de vida.

■ Acompanhar a busca

Desembaraçar-se nas numerosas ofertas de sentido que a sociedade contemporânea oferece requer um processo de busca pessoal. A vontade de significado, de fato, não encontra satisfação a partir de atalhos traçados por outrem, mas a partir de percursos interiores que trazem o cansaço do discernimento em meio às experiências pessoais. Não existe, realmente, um sentido pré-datado e pré confecionado, que vá bem para todos e que possa ser estabelecido por alguém, nem mesmo imposto. O sentido é “intuído” pela consciência de cada um, pois, somente ela pode guiar os adolescentes para que evidenciem a própria tarefa na concretude das situações que vivem. O que importa é

Valorizemos o “novo” que vem dos e das jovens; deixemo-nos provocar por eles e percorramos um caminho de conversão para nos tornar, juntos, discípulos e missionários (CG 24).

que a vontade de significado venha reconhecida e acolhida por quantos se ocupam da educação.

A adolescência, um período particularmente sensível à maturação da procura de sentido, mas nem sempre isto acontece para todos, de modo natural.

Acontece frequentemente que os jovens sejam perpassados ‘pela vontade de significado’, mas, em geral, de modo não consciente. Eles advertem validamente e confusamente o desejo de algo que lhes custa esclarecer; de algo que os perturba e inquieta, mas que permanece na obscuridade do inconsciente, não conseguindo aflorar e alimentar, portanto, o processo de busca de sentido. A “exigência” de sentido é algo de constitutivo, ao invés, a “busca” de sentido é uma “disposição”. É um “fazer-se” que para se desenvolver exige do sujeito que seja, antes de tudo, consciente da própria “exigência” de sentido. É necessário, pois, guiar os jovens para que compreendam as próprias vivências interiores: ensiná-los a não remover a inquietação e o sentido da insignificância,

mas a “estar aí dentro”, a dar-lhe um nome. Ser consciente da própria vontade de significado resulta fundamental para aprender a enfrentar aquilo que se experimenta dentro de si mesmo. E o sentido, assim como sua falta, é algo “sentido” antes de ser “pensado”.

■ A consciência

Promover e acompanhar nos adolescentes a atitude de busca de sentido quer dizer treinar a capacidade de intuir conscientemente e de realizar responsabilmente os significados na existência. Certamente, isto não coincide com o dar aos jo-

vens significados pré-dispostos e pré-formulados: seria inútil, além de danoso ao bem-estar deles.

Tarefa para os educadores é apoiar os jovens não só a estar na incerteza, como frequentemente se diz, mas também a “estar em busca”. Como educadores não somos chamados a definir com nossas palavras, com nossas chaves de leitura, com nossos significados aquele “algo” do qual eles experimentam o desejo, mas ao invés, solicitarmos a busca pessoal, estando ao lado deles nos cansaços e nas inevitáveis derrotas. Trata-se de ajudá-los a buscar em si mesmos algo de que ninguém tem jamais a coragem de falar: *a consciência*.



O TESOURO DA EDUCAÇÃO - John Henry Newman

Não somos educadores só para ensinar conceitos e não o somos nem mesmo para emocionar e estimular sentimentos, nem tão pouco para provocar uma espiritualidade. Segundo o Cardeal Newman somos educadores para sermos anjos da guarda da consciência dos jovens, da sua luz delicada e dos processos de discernimento que se realizam nos contextos educativos.

J.H.Newman nasceu em Londres em 1801 e viveu a longo do século XIX; primeiramente padre anglicano e, em seguida, lendo os Padres da Igreja, se aproximou do catolicismo que abraçou aos 44 anos de idade, em 1845, tornando-se ministro católico.

A sua intuição pedagógica sobre a qual é importante refletir, também hoje, é o valor sagrado da consciência pessoal. Ele propõe uma pedagogia na qual a consciência é chamada a dar os seguintes passos: obediência a si mesmos, responsabilidade em relação aos outros; escuta do Espírito. A consciência é o lugar sagrado onde deve acontecer o diálogo do eu com o Criador, onde a conversação de si para consigo e entre o próprio eu e Deus deve ser cuidada.

Outro aspecto muito importante para J.H.Newman é o falar pelas ações,

mais precisamente fazer falar a própria humanidade cordial para poder estabelecer relações abertas, autênticas. Relativamente a este ponto de vista é significativo o seu lema cardinalício: “o coração fala ao coração” apelo à relação profundamente pessoal com Deus e com o outro.

Para este autor a consciência não é o lugar onde prevalecem as paixões de um eu fundado em si mesmo, mas é o lugar do encontro e da síntese, diálogo consigo mesmo, com o Espírito, com a realidade.

A consciência educada é aquela que desde cedo se deixou modelar pela Escritura. O Espírito Santo tatua indelevelmente no coração dos crentes a sua lei: os desejos, purificados à luz da Palavra, são os desejos de Deus. A consciência é uma realidade teocêntrica, o Criador imprimiu na criatura racional a sua lei. É necessário obedecer à consciência porque ela se apresenta a nós como o eco da voz de Deus. O coração, no entanto, é exposto a tantas vozes e precisa ser acompanhado para separá-las, ponderá-las, redimensioná-las ou promovê-las.

O educador, para J.H.Newman tem o atraente dever de acompanhar o ‘estar consigo mesmo e em discernimento’. Ajudar o discernimento da consciência quer dizer partir da realidade, da história pessoal, dos casos concretos e não de princípios abstratos; significa acompanhar o

reconhecimento daquilo que habita o coração: emoções, sentimentos, preconceitos. É ajudar a distinguir a voz dos bons espíritos daqueles malvados. Mais o educador encoraja e acompanha criticamente a consciência, mais a pessoa em crescimento aprenderá por si a escolher o bem.

As crianças devem aprender de seus educadores o que é bem e o que é mal; a infância é aquela idade da vida que pede em alta voz para ser orientada na descoberta do mundo e daquilo que é certo ou errado. A pré-adolescência, a adolescência e sobretudo a juventude requerem a passagem gradual de uma escuta sempre mais profunda do próprio mestre interior e, no interior de um percurso de fé, reconhecer que este é o Senhor.

O estilo educativo de um educador que se preocupa com a consciência é aquele que não tem pressa, tem paciência; aquele que não dá respostas apressadas e definitivas, mas sabe suscitar perguntas que estimulem a uma busca ulterior. Um estilo educativo que oferece grande confiança. Outro forte conhecimento do educador para J.H.Newman é que uma educação concentrada somente no sujeito e no mundo não é muito construtiva. Sem uma formação à corresponsabilidade em relação

ao outro a educação permanece mutilada, pois, enquanto crescemos no cuidado para com os outros, crescemos também no cuidado de nós mesmos. Que conselhos, então, J.H.Newman nos dá, a nós educadores desta era pós-moderna?

- * Educar à união das diversas dimensões da pessoa, dimensões que encontram na consciência sua síntese.
- * Cultivar o diálogo e a escuta interior, ajudar a interpretar os sentimentos, as emoções, a discernir as diversas vozes que ressoam no coração e sobretudo ajudar o percurso que leva ao reconhecimento da voz do mestre interior: educar a consciência crente a sintonizar-se com o Espírito Santo.
- * Educar à responsabilidade para com os outros.
- * A partir dos adultos educar para que estejam sempre em busca, para que se apliquem na formação da consciência pessoal, crendo profundamente no valor da formação pessoal a partir da releitura da vivência pessoal.

Educar a consciência através da consciência significa para o educador/a estar bem consigo mesmo e saber confiar o outro ao próprio Mestre interior sabendo também retirar-se e se colocar à parte.

Ampliar os horizontes de amor

Giulia Paola Di Nicola - Attilio Danese

danesedinicola@prospettivapersona.it

Todas as relações interpessoais têm muito a ver com a sinodalidade porque exigem escuta, respeito das diferenças, amor. Tais capacidades são aprendidas desde as relações entre marido e mulher.

É o modelo dos pais que os filhos guardam: se os pais mostram comportamentos possessivos, impositivos, violentos, não será fácil, pois, conjugar os altos ideais da fraternidade feitos bandeira pela família, pela sociedade e pela Igreja com aquilo que se vive em casa todos os dias. Uma mãe e um pai agressivos entre si, o são também, habitualmente, na relação com os filhos que apenas podem tender a escapar se percebem sobre si mesmos a projeção de sonhos insuportáveis na própria medida dos pais. Embora não o explicitem, os filhos não desejam ser cobrados por ideais que não são os seus, como fossem uma prótese ou um pedestal das aspirações dos adultos.

A partir do ponto de vista dos pais, não basta o instinto natural para amar um filho, sem “se” e sem “mas”, sem pretender que seja um gênio e um Adônis da mitologia – como todos os pais sonham durante a gravidez – ou que de algum modo resulte como bela vitrine para alimentar o orgulho dos pais. Hoje, graças aos progressos da ciência médica é possível corrigir as patologias desde o seio materno, mas não é possível programar em tudo e por tudo aquilo que o filho será. A natureza pode ser aperfeiçoada, mas não violentada, como bem dizia **Bacon**: “*Natura non nisi parendo vincitur*”.

Ser uma bela família unida não é algo garantido, não é uma foto sorridente isolada do contexto cotidiano, uma etiqueta ou uma meta a atingir uma vez por todas, a não ser na publicidade. Como todos sabem, pode acontecer que filhos- modelo nasçam de pais medíocres e, ao contrário, filhos irresponsáveis venham de pais- modelo. O primeiro passo de uma relação bem ajustada – como



pela sinodalidade a outros níveis – é a aceitação do outro assim como é, com os limites impostos pela natureza e pela própria personalidade. É uma disposição que se faz indispensável quando os pais não se reconhecem nos filhos já adolescentes e se perguntam porque seu empenho educativo produziu resultados tão decepcionantes e contraditórios. Fala-se de labor educativo justamente porque os filhos se tornam distribuidores em cada etapa do desenvolvimento com inteligência, dores e amor através de um confronto constante que impõe a todos renúncias, trepidações, derrotas, provas das quais nem sempre saímos vitoriosos. Mais frequentemente pais e filhos se infligem

“Vós, filhos, obedecei em tudo aos pais; isto é agradável ao Senhor. Vós, pais, não exasperai os vossos filhos, para que não desanimem” (Col.3,20-21). Na base de tudo está o Amor. (Papa Francisco)

feridas profundas devido a comportamentos que os pais consideram inaceitáveis e que os filhos consideram um vexame. Todos os pais, desde o nascimento, sabem teoricamente que o filho não será um executor de ensinamentos e que seguirá seu percurso existencial ainda desconhecido a eles e aos próprios filhos, mas ao chegar aquele momento, geralmente o consideram prematuro. Significativo o episódio evangélico de Lucas a respeito da perda de Jesus no templo de Jerusalém. Como se sabe, o garotinho já com doze anos se detém em diálogo com os “mestres”, doutores da lei, sem avisar os pais (“Permaneceu em Jerusalém, sem que os pais percebessem”, Lc.2,43). Maria e José, que não estavam isentos das dores de parto da educação, percebem a ausência do filho somente após a volta, o que atesta um clima de confiança na presença de uma comunidade de mútuo auxílio que permite aos pais de não se preocuparem se os filhos se movem livremente entre as famílias amigas. Ao reencontro no templo, Maria manifesta em

seu nome e no de José a compreensível angústia experimentada nesta busca (cf. Lc.2,48) e pergunta o porquê daquele inusitado comportamento do seu pequeno e obediente Jesus.

A resposta do filho manifesta a decidida vontade do juvenzinho de afirmar diante dos pais a sua identidade, comportamento característico de todos os adolescentes. Ele recorda aquilo que eles já deveriam saber: que Ele tem uma missão para realizar no mundo, e que deve ocupar-se das coisas de seu Pai (Cf. Lc.2,48) ou em outras palavras, deve seguir o seu caminho único e distinto, em obediência à vocação que o Pai Celeste lhe confiou. À surpresa dos pais pelo comportamento do filho, corresponde a surpresa de Jesus pela reação deles: “*Não sabíeis...?*” De fato eles sabiam, mas não podiam prever os detalhes e os tempos. Aos olhos deles o menino havia antecipado a hora da autonomia.

Quase todos os pais se encontram, antes ou depois, com as “*travessuras*” dos filhos como a de Jesus e são constrangidos a mudar o registro do diálogo segundo as circunstâncias, a saber obedecer aos tempos, a virar páginas e recalibrar a relação. Aquele filho, ao qual haviam ensinado a mover os primeiros passos, é já um adolescente em busca da própria estrada que se mostra mal-humorado; na realidade teme a intromissão de qualquer um que possa desorientá-lo. Parentes, docentes, psicólogos, religiosos podem contribuir para melhor leitura do desenvolvimen-

to, mas não se substituir a alguém e, pelo contrário, por vezes serem desviantes. Pode-se somente acompanhar e oferecer suporte.

É melhor preparar-se para o desaparego antes do momento em que se revela, instaurando um clima de respeito e favorecendo o protagonismo dos filhos sempre que for possível, na consciência de sermos ignorantes da missão específica que aquele filho terá, a qual – para quem tem fé – foi impressa por Deus mesmo no DNA. Teoricamente isto é considerado como algo já adquirido, mas na realidade dos fatos, é preciso dia a dia recalibrar o próprio comportamento relacional, observando o desenvolvimento do temperamento, das tendências, das orientações do filho. Vale lembrar o que afirmava **E. Mounier**: “*O acontecimento será o nosso mestre interior*”. (E. Mounier, *Lettre à J.M. Doménach*, in *Oeuvres*, Seuil, Paris 1963, IV, 8170) Não se trata só de deixar partir os filhos desejosos de enfrentar novas aventuras, com o sofrimento do distanciamento e a solidão do “*ninho vazio*”, mas daquele desaparego que por vezes criam várias ideologias, modos de entender a fé, amizades, estilos de vida. É inevitável que os pais, quando a relação muda, experimentem um estado de desolação acompanhado da pergunta sem resposta: “*Por que?*”. Não sabem dar-se explicações convincentes daquilo que parece o insucesso de seu empenho educativo. A própria vida deles parece desperdiçada.

Deus se esconde e não responde, enquanto o filho percorre estradas desconhecidas que os adultos consideram como isca de ciladas, de mentiras, de futuros sofrimentos.

Não é oportuno dar aos pais respostas com desconto e receitas prontas.

É preciso tempo e paciência para compartilhar suas labutas e esperar juntos que as coisas se ajustem através de um percurso não isento de dor, caídas e riscos.

A experiência nos diz que a distância prepara, antes ou depois, uma maior proximidade. Assim foi, também, para Maria e José, cujo “*por quê*” no Evangelho desemboca em uma nova unidade: “*Desceu depois com eles e foi para Nazaré e lhes era submisso*” (Lc.2,51). Há antes ou depois um limite nas provas, uma medida de tempo no qual se está submetido ao sofrimento: é preciso treinar-se em investimentos repetidos, alimentados pela confiança e paciência, sem a pretensão de resolver tudo imediatamente.

“As dificuldades do período de adolescência se prolongam quando os filhos se tornam jovens adultos, têm uma companhia, permanecem longamente em casa (família prolongada) não trabalham, não têm autonomia econômica, não têm casa, não têm condições favoráveis para fundar uma família e tendem

a atribuir aos pais culpas que eles não têm. Os pais continuam a perguntar-se: *Por que nos faz sofrer? Em que nós erramos? Por quê recolhemos frutos assim tão amargos? Conseguiremos recuperá-lo?*

Quando sucumbem ao peso da ingratidão, reagem aplicando punições excessivas, batendo, usando linguagens ofensivas e vulgares quando não expulsam os filhos e os abandonam ao próprio destino.

A partir do respeito aos diferentes percursos de vida se aprende –

em família, como na sociedade e na Igreja – a amar sem idolatrar, a cuidar sem pretender a perfeição, a suportar sofrimentos indizíveis, por vezes escondendo-os aos outros e a si mesmos. É um percurso que não se satisfaz com doutrinas e pronunciamentos abstratos, mas se confronta com a experiência de relações mutáveis sem excluir as conflitivas. De modo semelhante na Igreja, blindados pela experiência familiar, se constrói junto a comunidade. Viver com os outros ensina a amar sem reverter sobre alguém um excesso de investimentos, inevitavelmente sujeito a desilusões. O Evangelho explicita assim: “*Quem ama o pai ou a mãe mais do que a Mim, não é digno de Mim; e quem ama filho ou filha mais do que a Mim, não é digno de Mim*” (Mt.10,37). Crescemos através de dificuldades, imprevistos, transtornos, cruces que surgem como constelações na vida terrena que, por vezes, se mostram insuportáveis.

A família é o lugar por excelência no qual o amor se purifica na dinâmica da proximidade e distância: é preciso servir os tantos “*copos de água*” e, ao mesmo tempo “*deixar*” o pai, a mãe, os filhos, ou seja, ampliar os horizontes à família dos irmãos de Jesus., Todos aprendem de todos, filhos, amigos, pessoas hostis. Na realidade o Espírito Santo fala também “*Com a boca dos pequenos e dos lactantes*” (Sl 8,3). Somos, por turnos, mestres e discípulos, locutores e interlocutores, guias e seguidores, também vítimas e carníces, em uma alternativa que abraça a dimensão lúdica do drama, a trágica da morte, e que sempre exige a ética da solicitude e a cristã do perdão.



Leadership generativa por uma sinodalidade confiável

Pina Del Core, FMA
pina.delcore@gmail.com

Que lugares e movimentos manifestam a sinodalidade, isto é, o “caminhar junto” da comunidade eclesial, de uma comunidade de consagrados/as ou de um Instituto Religioso? Que escolhas ou prospectivas podem fazê-la crescer em tal direção e torná-la mais credível no testemunho?

A Igreja hoje é chamada a existir somente *em saída* e no *caminhar junto*. E o caminho sinodal nos recorda a essência daquilo que somos chamados a viver, como pessoas e como comunidades para sermos fieis ao Evangelho, embora imersos em um mundo que traz novos problemas e desafios. *Sair e caminhar junto* são dois processos cruciais e emblemáticos do magistério de Papa Francisco que indicam uma realidade dinâmica e vital e oferecem uma resposta à complexidade e aos desafios do nosso tempo.

Para compreender a *sinodalidade*, mais do que analisar documentos é preciso vivê-la pessoalmente e colocá-la em ato passando da escuta e do envolvimento das pessoas, incluídos os jovens, estabelecendo redes em todos os modos possíveis. A via privilegiada, permanece sempre a do *discernimento* que deve estar continuamente aberto, isto é, predeterminar seus estilos e seus desenvolvimentos.

Quem e que coisas tornam possível a *sinodalidade* vivida em comunidade para que seja realmente “confiável”? O primeiro recurso é a animação e o acompanhamento de guias credíveis, isto é, a presença de uma autoridade que saiba gerar processos vitais de formação, participação e comunhão. Hoje, a tarefa de quem é chamado ao serviço de autoridade tornou-se um tanto difícil, em todos os níveis e em todos e os âmbitos do viver humano. Todos têm consciência disto, no entanto, os

problemas e as dificuldades persistem, enquanto se vê o crescimento da necessidade de uma *leadership nova*, forte, capaz de percorrer a história e ir ao encontro do futuro em largueza de olhar e determinação. É preciso pois, uma *leadership generativa* capaz de promover relações interpessoais e processos de crescimento de tipo *gerativo*, que saiba criar um ambiente produtivo e rico de valores, focando três estratégias fundamentais: confiança na pessoa, valorização dos recursos e responsabilização de todos, mediante o despertar das potencialidades e dos talentos presentes na própria comunidade.

Leadership e autoridade na vida consagrada

Também na vida consagrada há muito se fala de *autoridade* e de *leadership*: os dois conceitos são frequentemente aproximados ou utilizados de modo analógico, na intenção de atualizar seu estilo e as modalidades do seu exercício, também a partir da escuta da realidade, sabendo o quan-

to seja forte a exigência de redescobrir o sentido de tal serviço cujas formas se encontram hoje em contínua mudança: E tal tema se revelou logo “tema quente” porque, enquanto recorda as atuais problemáticas de vida consagrada, se cruza com os processos de transformação em andamento no contexto cultural e eclesial. Foi preciso enfrentar o risco de escolhas radicais de renovação e promover uma mudança de mentalidade, indo ‘além’ das tentativas de modificar o modelo “tradicional” de exercício de autoridade que hoje não mais se sustenta porque resulta não adaptado a caminhar a pari-passo com um mundo que se tornou veloz e plural, complexo e fragmentado. Perguntamo-nos: existe um nexos entre *autoridade*, assim como é concebida na vida religiosa e a *leadership* compreendida como modalidade de guia, de coordenação e de cuidado das pessoas que fazem parte da comunidade ou da instituição da qual se é responsável? A questão não toca o valor da autoridade em si mesma, mas diz respeito especialmente ao estilo,



à modalidade de condução e do exercício do poder, sobretudo em nível de decisão. Não se trata de perseguir algo que temos à frente, o futuro ou a novidade, mas nem mesmo de buscar o sonho nostálgico de um passado que parece nada mais dizer. Trata-se de tornar conscientes as resistências e as perplexidades em relação ao termo “*leadership*” aplicado à vida consagrada, a partir do desejo de libertar-se da ideia – talvez prejudicial – que a filosofia a ela subentendida esteja em conflito com os valores evangélicos ou carismáticos. Nestes últimos decênios também a *leadership*, e em geral o *management*, modificou radicalmente a abordagem às questões de organização para

enfrentar a crise que atingiu em todos os níveis a *governança* das instituições, sejam elas políticas, econômicas ou religiosas.

Na realidade, assim como aconteceu na sociedade, também na Igreja surgiram “novos modelos” de *leadership* que inicialmente foram consideradas a serviço do “*management*” empresarial ou de outras organizações sociais e trabalhistas. Estes, porém, resultaram preferivelmente parciais seja em relação a conteúdos baseados em paradigmas teóricos de eficiência e produtividade, seja relativamente a objetivos e estratégias, orientadas a outros valores, nem sempre confrontáveis e em diálogo com os valores evangélicos. Capotando a

prospectiva tradicional, tais modelos focalizaram a atenção não tanto sobre a pessoa do *leader*, que não é chefe nem manager, quanto sobre sua *relação pessoal com o grupo* que o liga aos seus membros. A *leadership*, de fato, é uma complexa relação ética entre pessoas, baseada na confiança, no empenho, no cuidado e, sobretudo na visão partilhada daquilo que é bom e justo. É um modo de agir inspirado em valores comuns e compartilhados que gera vida, pertença, participação e comunhão. Para remontar ao tema, a *sinodalidade* não só na Igreja, mas também na vida consagrada exige que estejamos dispostos a repensar a modalidade de exercitar a autoridade focando sobre uma *leadership gerativa* como estilo de guia e como atitude interior de abordagem de pessoas e realidade.

■ Uma *leadership gerativa* para gerir a mudança

Em um tempo marcado pela complexidade e por contextos multiformes, fluídos e fragmentados, sempre mais envolvidos

no turbilhão de rápidas mudanças, a vida consagrada é chamada a regenerar-se, procurando novas vias de fidelidade ao passado, de empenho e dedicação ao presente e de abertura ao futuro. Por isto é necessária a presença de uma *autoridade gerativa* e conseqüentemente uma nova *leadership* capaz de coordenar e gerir a mudança não mais com um estilo autoritário e autocentrado, mas com um estilo *gerativo*, aberto ao confronto e facilitador de interações e de colaborações no interno das comunidades, das instituições e em rede com muitas outras realidades. Nesta atual crise da autoridade e da democracia a expectativa de uma autoridade gerativa e, portanto, de *novos perfis de leadership* constitui um antídoto à experiência histórica e cultural de um exercício de autoridade que muitas vezes se transformou em exercício de poder (abuso de autoridade), de controle ou prevaricação sobre a realidade e sobre pessoas, com risco de instrumentalizar assim o valor da obediência. A pretensão herdada da modernidade de eliminar toda forma de autoridade, rumo a uma sociedade nivelada e sem mediações, caracterizada por uma uniformidade e indistinção está destinada ao insucesso, porque condenada à esterilidade, isto é, incapaz de gerar e de fazer crescer (*augeo*=fazer crescer) novidade, criatividade, personalidade e talentos que asseguram a sobrevivência e a realização de uma humanidade regenerada. Entre os múltiplos e variados estilos de *leadership* e os diversos modelos teóricos de guiar e /ou de exercitar a autoridade resultam vencedores aqueles estilos que se mostram em condição de guiar e gerir a mudança, seja em situações de normal transição como em situação de crise e de emergência. A verdadeira *leadership*, de fato, consiste em construir relações de confiança a fim de guiar e conduzir as pessoas rumo ao alcance dos objetivos educativos e carismáticos, construindo ocasiões de aprendizagem e de crescimento, porque a finalidade da *leadership* é a de *gerar novos líderes*. A necessidade de uma *leadership credível e gerativa* na vida consagrada parte do fato que as pessoas que vivem e trabalham junto, dentro da comunidade, necessitam de um espaço relacional, de um clima interpessoal animado pelo amor e pela caridade que nascem do respeito e da compreensão recíproca.

■ O desafio da formação em vista de novos perfis de *leadership*

No documento “*O serviço da autoridade e a obediência*” (2008) emerge com clareza “ a constatação que nestes anos o modo de sentir e viver a autoridade e a obediência tenha mudado seja na Igreja como na sociedade. Isto é devido, entre outras coisas: à tomada de consciência do *valor de cada pessoa*, com a sua vocação e os seus dons intelectuais, afetivos e espirituais, com a sua liberdade e capacidade relacional; devido também à centralidade da *espiritualidade de comunhão*, com a valorização dos instrumentos que ajudam a vivê-la; devido ainda a um modo diverso e menos individualista de conceber a missão, na *partilha* com todos os membros do povo de Deus, com as conseqüentes formas de concreta colaboração” (nº 3).

Papa Francisco recorda a necessidade de uma vigilante atenção e um iluminado exercício de discernimento da parte dos Superiores Maiores para individuar *novos caminhos de formação* para aqueles que são chamados à missão de guias e acompanhamento com um diverso estilo de *leadership* na perspectiva da antropologia do dom, da escuta, da participação do encontro. Ele convida as comunidades eclesiais a repensar a Pastoral Juvenil do acompanhamento dos jovens na direção do cuidar da formação dos próprios jovens para funções de guia, chamando-os *leader populares* capazes de escuta e de animação dos outros jovens (cf. *Christus Vivit*, 231). E exorta à promoção de “*novos programas leadership para a formação e o desenvolvimento contínuo de jovens guias*” (nº 245) capazes de acompanhar, uma vez que faltam atualmente pessoas preparadas e dedicadas ao acompanhamento.

A educação e a formação, assim como a pastoral juvenil e vocacional, são âmbitos privilegiados nos quais é possível criar processos e percursos juntamente com outras realidades. E isto se realiza através da capacidade de encontro que é um modo de ser humano porque profundamente relacional e, portanto, facilitador de crescimento e de desenvolvimento da pessoa.



Uma viagem rumo à sustentabilidade no espírito holístico da ecologia integral

Viki Ulate, FMA
vulate@cgfma.org

“Como nunca antes, na história, o destino nos obriga a buscar um novo início [...]. Possa a nossa época ser recordada pelo despertar de uma reverência pela vida, pela decisão no atingir a sustentabilidade, pela aceleração da luta pela justiça e a paz, e pela alegre celebração da vida” (LS 207).

■ Por um desenvolvimento sustentável e integral

O desenvolvimento sustentável foi definido, há alguns decênios, como um desenvolvimento que satisfaz as necessidades das gerações atuais sem comprometer a capacidade das gerações futuras de satisfazer as próprias necessidades. E, desde então, o desenvolvimento sustentável corresponde à intercepção de três áreas: *ecológica, econômica e social*. Segundo Papa Francisco, a ecologia na ótica da sustentabilidade leva a olhar primeiramente o global, a biosfera no seu conjunto, aquilo que está acontecendo na casa comum. Mas ao mesmo tempo leva a olhar para dentro de nós mesmos reconhecendo a importância da ascese e da sobriedade, do equilíbrio e do estilo de relação com Deus, com o próprio eu, com os outros e com a natureza. Esta dúbia abordagem, a partir do alto e do baixo, do externo ao interno, pode ajudar as pessoas a abrir os olhos sobre as consequências das próprias decisões, sobre as gerações futuras, sobre relações econômicas e políticas, sobre todos os seres que habitam o planeta. Neste sentido, a conversão ecológica é uma mudança radical que diz respeito não só à economia e à política, mas também a todas as dimensões humanas: relacionais, sociais, culturais, afetivas e espirituais (cf. TATAY Jaime, *Laudato Si' y la "ecologia integral"* in

<https://blog.cristianismeijusticia.net/2016/06/23/laudato-la-ecologia-integral>.

Por isto é preciso desenvolver “uma criatividade capaz de fazer florescer novamente a nobreza do ser humano, pois é mais digno usar a inteligência com audácia e responsabilidade, para encontrar formas de desenvolvimento sustentável e equo, no quadro de uma concepção “mais ampla da qualidade de vida” (LS 192) e espelhe um verdadeiro humanismo e a solidariedade entre as gerações. Trata-se de uma nova abordagem ecológica que transforma nosso modo de habitar o mundo, nossos estilos de vida, nossa relação com os recursos da terra e, em geral, o modo de olhar o homem e de viver a vida: uma ecologia humana integral (cf. *Videomessaggio del Santo Padre Francisco per il lancio della Piattaforma 'Laudato Si'*, 25 maggio 2025).

Para superar a atitude predatória que faz sentir o ser humano como dono do planeta e de seus recursos, o Papa exorta a assumirmos um comportamento responsável em relação às futuras gerações, e a tutela do patrimônio ambiental é o ponto de partida de toda reflexão sobre a responsabilidade Inter geracional. É por isto que foi criada a Plataforma de iniciativas Laudato Si'. (Cf. Piattaforma d'Iniziativa *Laudato Si'*, *Guida alla pianificazione*,



<https://piattaformadiiniziativelaudatosi.org>) que quer traduzir em ações concretas o sonho de Papa Francisco.

■ É urgente intervir

A *Plataforma de iniciativas Laudato Si'* reúne os esforços de pessoas e instituições do mundo todo, construindo, assim, uma comunidade global empenhada em caminhar junto, uma família humana dedicada a realizar o chamado amoroso de Deus para uma nova relação dinâmica com a casa comum. A Plataforma é um espaço *on line* para partilhar, monitorar e reforçar o caminho de transição rumo à Ecologia Integral na qual instituições, comunidades e famílias podem aprender a crescer junto, enquanto caminham rumo à plena sustentabilidade, no espírito holístico proposto pela *Laudato Si'*.

O programa contribui para a construção de uma nova “cultura do saber”, capaz de transformar em ações concretas a sensibilidade coletiva e individual, gerada pela *Laudato Si'* e em geral pelo magistério social de Papa Francisco que, em ocasião dos cinco anos da Encíclica, convidou todo cidadão responsável a participar com empenhos concretos à sempre mais urgente transição ecológica, à qual toda a

humanidade é chamada. Trata-se de percorrer uma estrada nova, iluminada por escolhas corajosas que expressem uma mudança de mentalidade e um novo estilo de vida, pois “é este o tempo para realizar ações proféticas. Muitos jovens estão erguendo a voz em todo o mundo, invocando escolhas corajosas. Estão desiludidos de tantas promessas não cumpridas, de empenhos tomados e transcurados por interesses e conveniências particulares. Os jovens nos lembram que a Terra não é um bem para desperdiçar, mas uma herança para ser transmitida; lembram-nos que esperar pelo amanhã não é um belo sentimento, mas uma tarefa que requer hoje, ações concretas. A eles devemos **oferecer** respostas verdadeiras, não palavras vazias; fatos, não ilusões” (Francisco, Mensagens para a Jornada Mundial de Oração pelo cuidado do criado – 1º de setembro de 2019).

Francisco sublinha que “Todos podemos colaborar, cada um com a própria cultura e experiência, cada um com as próprias iniciativas e capacidades, para que nossa Mãe Terra volte à sua original beleza e a criação volte a resplandecer o projeto de Deus”. Comunidades Religiosas e Instituições educativas, organizações e grupos, centros de assistência sanitária e operadores econômicos, são, pois, destinatários do envio do Papa a agir para o bem da humanida-



de e do Planeta, na consciência da urgência e da própria responsabilidade diante do futuro.

Através da Plataforma de Iniciativas Laudato Si' se oferece uma nova oportunidade para o empenho, fazendo cada um a própria parte e unindo os próprios esforços àqueles que serão feitos em todo o mundo.

■ Sinalizações por uma destinação comum

Os *objetivos Laudato Si'*, indicados pelo Dicastério para o Serviço do Desenvolvimento Humano Integral, orientou as nossas ações. Agem como destinação comum para as nossas viagens individuais rumo à ecologia integral pois, “o desafio urgente de proteger a nossa casa comum compreende a preocupação de unir toda a família humana” (L.S.13).

São sete os objetivos que acompanham o caminho deste programa de ação:

1. A resposta ao grito da Terra é um apelo à proteção de nossa casa comum para o bem-estar de todos, enquanto enfrentamos com equidade a crise climática, a perda de biodiversidade e a sustentabilidade ecológica.
2. A resposta ao grito dos pobres é um apelo à promoção da eco-justiça, conscientes de sermos chamados a defender a vida humana desde a concepção até à morte, e todas as formas de vida sobre a Terra.
3. A economia ecológica reconhece que a economia é um ecossistema da sociedade humana que, por sua vez, é incorporado na biosfera, a nossa casa comum.
4. A adoção de estilos sustentáveis se fundamenta na ideia de suficiência e na promoção da sobriedade no uso dos recursos e da energia.
5. Na educação ecológica diz respeito ao repensamento e a reprojeção das reformas curriculares e instituições no espírito da ecologia integral, com o fim de promover a conscientização ecológica e a ação transformadora.
6. A espiritualidade ecológica brota de uma profunda conversão ecológica e nos ajuda a “descobrir Deus em todas as coisas” seja na beleza do criado como nos suspiros dos doentes e nos gemidos dos aflitos, conscientes de que a vida do espírito não é dissociada das realidades mundanas.

7. A resiliência e a valorização da comunidade preveem um percurso sinodal de empenho comunitário e de ação participativa em vários níveis.

■ “Agir é o verbo da esperança”

Discernir uma resposta para a crise ecológica é um ato profundo de cuidado. Com a metodologia “ver – julgar – agir” os planos de ação anuais permitem que coloquemos em prática os princípios através de ações concretas, que possam ser adaptados às próprias exigências, ao contexto e ao próprio carisma. Justamente como toda flor

na criação é única, assim cada grupo, comunidade, instituição, com os próprios dons, as próprias experiências e prioridades constrói o próprio e único caminho, enquanto avança olhando a realidade, deixando-se interpelar por ela e escutando os chamados que o Espírito faz a cada um para viver uma verdadeira conversão.

Para participar da Plataforma de Iniciativas Laudato Si' requerem-se três ações:

1. Realizar e partilhar na plataforma **uma reflexão** sobre os próprios valores em relação aos *Objetivos Laudato Si'*.
 - Quais são as conexões carismáticas com os OLS?
 - Tendo presente cada OLS qual é a realidade do nosso contexto?
 - Que passos já demos? Com quais resultados?
 - Quais são os chamados que o Espírito nos faz com esta realidade? A que conversão nos convida?

2. Desenvolver **um plano de ação** anual
 - Onde estamos em relação a cada objetivo (ponto de partida)
 - Quais são as escolhas concretas que fazemos para cada objetivo? (Ações que sejam específicas, mensuráveis, atingíveis, relevantes e temporais)
 - Quais são os resultados previstos?
3. Realizar **uma revisão** anual
 - Revisão da implementação e dos resultados atingidos (eficiência)
 - Relação da sustentabilidade – balanço social (eficácia)

Os planos de ação *Laudato Si'* realizados se tornam um percurso de ecologia integral que reflete a própria situação, as próprias possibilidades e o próprio empenho. Eles estimulam o espírito de discernimento e sustentam a “conversão ecológica” da comunidade, instituição ou família, ajudando a aprofundar as relações com o Criador, criação e a humanidade.



Com os migrantes e os refugiados

Gabriella Imperatore, FMA
gimperatoreit@yahoo.it

Não são somente os conflitos que provocam os imensos fenômenos migratórios que constroem milhões de pessoas a abandonarem as próprias casas, os próprios afetos e as próprias terras. As mutações climáticas, a fome desenfreada, as graves crises econômicas em âmbito global constituem o sino de alarme para agirmos em sinodalidade e em espírito de solidariedade.

Perder a vida enquanto se procura reconstruí-la: este é o trágico paradoxo que une muitos migrantes. Como *Abderraman Bas*, 25 anos, originário da Guiné Conakry, encontrado morto nas águas do rio Bidasoa, nos confins entre Espanha e França. É um drama humano. Migrantes que procuram uma casa e encontram a morte! Ainda uma tragédia se consuma no Mar Egeu; 108 pessoas salvas que se deixavam levar em uma barca a vela, das quais 24 mulheres e 21 menores, pelo menos 4 foram perdidos. E continuam os desembarques em Lampedusa onde chegaram 123 migrantes.

■ As razões das migrações

Não convém bloquear o fenômeno das migrações forçadas, nem mesmo só governá-lo, é preciso mudar perspectivas e pensar nas fases e nas histórias das pessoas constringidas à fuga. Pensar nas causas que provocam estes enormes movimentos humanos. Monsenhor **Paul Richard Gallagher**, Secretário Vaticano para as relações com os Estados, diz que os grandes movimentos humanos são inevitáveis e próprios da natureza mesma do homem, “*mas não se pode pensar em enfrentar um problema tão complexo, sem vontade política, generosidade e espírito de solidariedade.*”

Estar com os refugiados pelas encruzilhadas da história significa sair das lógicas das emergências e dar respostas estruturadas aos fenômenos migratórios. Também em Países onde os princípios democráticos e de respeito à pessoa humana são con-

siderados fundamentais, multiplicam-se episódios de discriminação, também em relação a quem foge dos contextos de guerra. É a história de *Javed*, um jovem afegão de 17 anos: na fronteira entre Turquia e Bulgária sofreu tratamentos violentos e humilhantes. É a história de *Naweed*, 14 anos, obrigado a fugir do Afeganistão: “É difícil chegar sozinho em outros países”. Sem pai, sem mãe, sem irmãos e sem amigo. Mas devemos fazê-lo, porque temos um sonho: queremos ter um futuro, queremos ser gente de valor”.

As viagens deles duram meses ou anos, passando de um Estado a outro como *invisíveis*, através de montanhas, bosques, ao longo de trilhos e superando conflitos violentos, banhados de sangue, onde os jovens e as jovens sozinhas, por vezes pouco mais do que crianças, e famílias com filhos pequenos – fugindo da guerra, de conflitos, da pobreza extrema, em busca de um futuro possível, conhecem o horror dos espancamentos, dos cães incitados contra eles, da morte dos companheiros de viagem, dentro e fora dos confins do mundo.

“*O mar que abraça muitos povos, com seus portos abertos recorda que as fontes do viver junto estão no acolhimento recíproco*” (Videomessaggio Papa Francisco, por ocasião da Viagem apostólica a Cipro e à Grécia, 29 de novembro de 2021), porque quando se trata de migrantes, refugiados e fugitivos, vidas humanas estão em jogo e “quando os pobres são rejeitados, se rejeita a paz” (Papa Francisco, *Visita aos refugiados, Mytilene*, 5 de dezembro de 2021).

humanas estão em jogo e “quando os pobres são rejeitados, se rejeita a paz” (Papa Francisco, *Visita aos refugiados, Mytilene*, 5 de dezembro de 2021).



É necessário partir do princípio da dignidade das pessoas, da tomada de consciência de que não se trata de números, mas de seres humanos. É necessário dar novo impulso nas diversas sociedades a um grande senso de responsabilidade para a ajuda recíproca no enfrentamento da questão migratória. É preciso mudar o paradigma que apresenta os refugiados como atores passivos e começar a pensar que podem contribuir notavelmente na construção da sociedade que os acolhe: “*Construir o futuro com os migrantes e os refugiados*” é um grande desafio mas, também, uma oportunidade de crescimento cultural e espiritual para todos. Graças a eles há a possibilidade de conhecer o mundo e a beleza da diversidade. Pode-se amadurecer em humanidade e construir junto um “*nós*” maior (cf. mensagem para a 108ª. Jornada Mundial do Migrante e do Refugiado, 2022).

■ Acolhida e trabalho

A história de *Rafael Landaverde* recorda os milhões de refugiados que precisaram deixar o próprio País devido às violências, perseguições, guerras. *Rafael Landaverde* tem 42 anos e vem de *El Salvador*. É laureado em Informática e no seu país atuava como professor. Depois de ter denunciado o espaço de droga que a máfia local fazia circular na sua escola, foi ameaçado de morte. Por isto, em 2019, não querendo correr o risco de entrar ilegalmente nos Estados Unidos da América, foi constrangido a deixar a sua pátria com toda a sua família para pedir proteção em outro lugar. Em 2000, chegou na Itália, em Porto Imperial, na província de Foggia.

Nos meses de acolhida no âmbito do projeto SAI – Sistema de Acolhida e Integração- viveu diversas experiências de formação profissional e tirocínio trabalhista. Em seguida começou a trabalhar junto à Empresa dos Salames *Salcuno* ocupando-se da atualização da página web do ‘Site’, da publicidade ‘*on line*’, do *marketing*, colocando em lucro as competências que possuía quando estava em El Salvador.

Graças ao projeto SAI foi assumido com contrato por tempo indeterminado em uma cooperativa que desenvolve trabalhos junto à Empresa *IMELTEL* de Poggio Imperiale, que realiza fiação para qualquer tipo de veículo. Rafael, hoje, leva à frente dois trabalhos: pela manhã trabalha junto à Empresa de fiações; à tarde, de sua casa controla as vendas on line da outra empresa com a qual colabora. O sonho de Rafael é atuar como autônomo, ter casa própria, viver tranquilamente, com ritmos de vida mais lentos e mais serenos.

■ Promover e integra

Por ocasião da *Jornada Mundial do Refugiado*, em 20 de junho, segundo a relação estatística anual do UNHCR – Agência ONU para os Refugiados – “*Global Trends Report 2021*” as pessoas fugitivas de guerras, violências, perseguições e violações de direitos humanos atingem o total de 89,3 milhões, um aumento de 8% em relação ao ano precedente e bem além do dobro relativamente ao dado registrado 10 anos antes.

Desde então, a invasão Russa da Ucrânia e outras emergências, da África ao Afeganistão a outras áreas do mundo, levaram a cifra a superar a dramática margem dos 100 milhões. Cada ano, no último decênio, os números aumentam. É preciso unir as forças para fazer frente a esta tragédia humana, resolvendo os conflitos em andamento e situando soluções duradouras.

A história de *Rafael* é uma narração de final feliz, que fala de um percurso de acolhida e de inclusão social, trabalhista e cultural que chegou a um bom final. Mas, para, refugiados ou pessoas que ainda pedem asilo, nem sempre é assim. É preciso refletir sobre isto e interpelar governos, Países, instituições, empresas e realidades do terceiro setor a realizarem algo mais. “*Se queremos realmente promover os migrantes devemos envolvê-los e torná-los protagonistas do próprio resgate*”. (Papa Francisco)

“Um coração grande e generoso”. A maternidade educativa de Maria D. Mazzarello

Eliane Petri, FMA

petrifma@gmail.com

Nossa vida terá fecundidade à medida que manifestarmos, embora com nossas fragilidades e limites, a beleza da nossa vocação – leigos e consagrados - e também a beleza do dom de nosso carisma, presente em nós e nas comunidades educativas com dinamismo criativo e contagioso (cf. Atos CGXXIV,69). Guiados e iluminados pela experiência de *Maria Domingas Mazzarello* somos chamados a testemunhar a profecia da presença que se faz atenção, delicadeza, encorajamento, solicitude, proximidade, amor demonstrado. Somos chamados a imaginar o futuro com audácia e com “um coração grande e generoso” (L 47,12), um coração materno e paterno. *Onde e como contemplamos a “maternidade educativa” de Maria Domingas Mazzarello? Em que sentido a sua maternidade nos interpela?*

■ É “madre”...

Mãe no acolher a entrega “*Confio a você estas meninas*” e dedicar-se na totalidade do dom de si até a oferta da vida pelo bem do Instituto FMA. Madre no viver e ajudar os outros a viver o cotidiano imersos em Deus: a verdadeira piedade consiste no *cumprir os próprios deveres*, “em tempo e lugar e por amor de Deus”.

Madre no educar “cuidando” (L 12,3.28,8) da pessoa na sua integralidade; saúde, dimensão intelectual, espiritual, afetiva, em uma total doação de amor.

Madre no educar com “*paciência longa e doçura sem medida*” (L 27,11) algumas jovens marcadas na própria história por tantos sofrimentos e, talvez por isso,



inicialmente rebeldes, grosseiras, refratárias a toda intervenção educativa, levando-as a uma real mudança de vida e abrindo-lhes o caminho para o chamado do Senhor. Exemplos concretos são Emma Ferrero, Maria Belletti, Corinna Arrigotti. Madre nos pequenos gestos, capazes de marcar toda a vida de uma pessoa como no caso da menina que sofria de frieiras nos pés, no inverno: Madre Mazzarello vê, se inclina, enfaixa as feridas... Um ato de caridade inesquecível.

Madre no criar o clima de família que reforça a pertença e no conservar as meninas e jovens sempre alegres, unidas, buscando tanta iniciativa para isto: os recreios animados no pátio, o canto, a música o teatro, as festas de carnaval, os passeios, etc. Madre no acompanhar as comunidades que vivem alguma dificuldade, crise e fragilidade no construir a comunhão fraterna. Conjugando a amorevolezza com a firmeza, recordará, de fato, às Irmãs: “Onde reina a caridade aí está o paraíso” (C49).

Madre no acompanhar as Irmãs missionárias em partida e em entregar-lhes uma última recordação que se torna testamento de vida: “Ama a todos e a todas as tuas Irmãs, ame-as no Senhor, mas o teu coração não o dividas com ninguém; seja todo inteiro para Jesus” (C 65,3).

Madre no ajudar as Irmãs e as jovens a ler a história pessoal e comunitária como história da salvação. “É a mão de Deus que trabalha em nós” (C.66,2).

Madre na arte de animar e governar o Instituto com prudência, respeito, contando com a persuasão e o amor: “ Parecia uma verdadeira jardineira no governo para ver quais flores devia plantar ou replantar. Quando percebia que uma não era muito apta para um trabalho a colocava em outro” (Enrichetta Sorbone).

Madre na *oração*. Uma Madre de coração orante. Diante de Deus não está nunca sozinha. Reza pelas jovens, pelas Irmãs, pela fecundidade das obras, pelos missionários, por todas as necessidades do Instituto e da Igreja.

Madre no momento da morte: “Não me deixeis jamais sozinha. A minha fantasia me dá medo, e quando estais aqui eu me sinto tranquila...” “Queridas filhas, eu vos deixo, cuidai de querer-vos bem!”... “Nossa Senhora, fiquéis tranquilas, vos

ajudará muito”. Voltando-se para o crucifixo: “Ah, se vos conhecessem como agora vos conheço”!

■ Uma maternidade educativa que nos interpela

Diante dos desafios educativos de hoje, a experiência de maternidade educativa de Maria Domingas nos interpela e nos ilumina. Em um mundo que parece “órfão” de pai e mãe vivos, há a esperança de “uma maternidade contagiante” que leva acolhida, ternura, compreensão e perdão, isto é, uma maternidade a serviço dos outros.

Em um tempo de fragilidade, de ruptura das relações e de desafios das relações funcionais, temos necessidade de uma maternidade que ajude a redescobrir a “gramática” das relações, colocando ao centro as pessoas. Acompanhar, discernir e integrar os recursos e as fragilidades das pessoas e das comunidades tornam-se tarefas necessárias e urgentes. No enfrentar os desafios da missão educativa de hoje, precisamos de uma maternidade que desperte em nós a paixão educativa do *Da Mihi Animas* e do “*Confio a ti estas meninas*” que nos ajudem a renovar o fervor apostólico, a redescobrir a ação misteriosa do Ressuscitado e do seu Espírito na vida das pessoas e na história.

Para impedir o perigo da indiferença, da solidão e do individualismo que pode ameaçar a nossa vida, precisamos de uma maternidade que saiba hospedar o outro e o seu mistério como pessoa.

Uma maternidade que saiba respeitar, acolher e valorizar a diferença como riqueza, criando a unidade na diversidade.

Os desafios da dicotomia, da dispersão, da fragmentação da vida invocando uma maternidade que eduque a colocar junto cabeça, mãos e coração, isto é, uma maternidade que ajude a integrar, a fazer síntese de vida, a fazer uma “leitura holística” da vida e da história da humanidade, ajude a reencontrar a firmeza interior e a centralidade e a solidez em Deus. O perigo da exterioridade, requer uma maternidade que nos ajude a reencontrar a importância da interioridade, de uma vida habitada por Deus.

O prejuízo do isolamento, do individualismo deve ser enfrentado com uma maternidade que leva a cultivar a atitude da “mística” do viver junto; leva

a alargar o coração aos horizontes de Deus e dos outros. Quando o perigo da idealização das comunidades e da missão se faz insidioso, precisamos de uma maternidade educativa que ajude a acolher as fragilidades com o realismo cristão da fé e do mistério pascal, até ao assumir as fraquezas, os problemas e as dificuldades de outrem. Em uma palavra: até a doação de nós mesmos.

Diante dos perigos de olhar a vida a partir de uma perspectiva puramente horizontal e, por vezes, do perigo da mundanidade espiritual precisamos de uma maternidade que nos ajude a “erguer” o olhar para as realidades últimas, isto é, olhar a realidade, as pessoas e os acontecimentos a partir da visão de Deus e da meta da vida cristã.

Os medos e as formas de paralisia que hoje assaltam tantas pessoas continuam sinais de que há necessidade de uma maternidade que nos ajude a ter coragem, a reagir, a ser resilientes, isto é, uma maternidade que nos ajude, a recordar existencialmente as palavras de Jesus: “Eu estarei convosco até a consumação dos séculos”; precisamos ainda hoje ouvir as palavras de Madre Mazzarello: “Jesus deve ser toda a nossa força”. O perigo do desenraizamento e da perda da memória pede uma maternidade que nos recorde sempre: “é a

mão de Deus que trabalha em ti”= ‘*memoria Dei*’. O estilo educativo próprio de Maria Mazzarello, nos estimula a todos, consagrados e leigos, nos desafia a uma nova relação com as novas gerações. O exemplo de Maria Domenica Mazzarello continua ainda hoje a brilhar na sua simplicidade materna: nos impulsiona a sermos mães e pais, a gerar e regenerar as jovens gerações. Impulsiona-nos a sermos adultos capazes de gerar a acolhida à vida, à fé, à justiça, à paz, à relação com Deus e com todos; gerar ao amor e a um sadio modo de viver a experiência cristã, familiar, trabalhista.

Maria Domingas Mazzarello nos ensina um estilo: ser “presença” significativa, presença que interpela; aprender a nos tornar nós mesmos na melhor forma, homens e mulheres que tenham a coragem e a paciência de tecer autênticas e profundas relações interpessoais; pessoas que apostem a própria vida no “cuidar”, no amar e no fazer-se amar, ocupando-se conscientemente em colocar as condições que promovam a cultura da vida e a civilização da paz e do amor.

A paixão educativa traduzida em uma maternidade educativa é a mensagem que podemos ler na vida de Maria Domingas. Ter “um coração grande e generoso” é, então, a consequência lógica do viver conscientemente a própria missão que Deus lhe confiou: “um coração grande” para acolher e abraçar a todos e um “coração generoso” no doar-se até às últimas consequências. Deste Amor Jesus é o modelo e os Santos são as melhores testemunhas.



Portas abertas, um espaço para o Espírito

Maria Baffundo, FMA
hmariab@gmail.com

A imagem da porta, nas diversas tradições religiosas, tem uma ampla variedade de significados: passagem de um espaço a outro, ponto de chegada em diversos níveis. Em algumas culturas a porta aberta tem um significado simbólico no momento do nascimento ou da morte. A Índia, a Pérsia, a China, o Egito e outros lugares sagrados em todo o mundo têm divindades ou guardiões nas portas que lhes facilitam o acesso e fazem descobrir novos centros de luz e sabedoria a quem as atravessa ou permitem alcançar os pontos cardeais, fonte de energia e iluminação.

Nessas igrejas e nas catedrais, a porta principal realiza uma função importante e a sua decoração e arquitetura não é somente uma grande obra de arte. Para os cristãos é um sinal d'Aquele que se auto nomeou: "Eu sou a porta: se alguém entra por mim, será salvo; entrará e sairá e encontrará pastagens" (Jo.10,9).

Abrir a porta, fazer entrar o ar novo do Espírito Santo é o desafio que Papa Francisco pede a toda a Igreja nesse terceiro milênio; tornar-se um espaço aberto de vida e de comunhão, de missão, de dinamismo, para que "o novo" possa acontecer.



Esta experiência de entrar e sair, de pôr em ordem e limpar, de deixar que a luz atinja os ângulos todos da grande casa chamada Igreja, de romper as seguranças, com aquilo que se sabe, com as respostas já conhecidas, é a *sinodalidade*.

Todos aqueles que fazem parte da Igreja estão a caminho; mas há uma parte privilegiada deste Povo de Deus, que aguarda o seu momento de

"Deve ser uma Igreja de tal modo inclusiva que, ao entrares, podes respirar profundamente"
(Cristina Inogés Saenz).

agir: os Leigos, com sua vocação batismal e seu modo único de estudar o Reino de Deus. Estes são os principais atores na base das comunidades educativas e por meio deles se compreende melhor o significado do sermos peregrinos e missionários.

Para a teóloga espanhola *Cristina Inogés Saenz* (leiga católica) membro da Comissão metodológica do Sínodo (2023), "é a hora dos leigos": "pela



primeira vez na história, um Papa deseja saber o que pensamos e porque não somos felizes como deveríamos, na Igreja. É a primeira vez que temos a oportunidade de dizer realmente o que desejamos, mas não só qual Igreja queremos, mas qual Igreja queremos ser. Porque somos todos Igreja. E somente fazendo um diagnóstico, estaremos todos em condição de encontrar soluções, o que é aquilo mesmo que Francisco deseja” (entrevista com Cristina Inogés, Revista Eclesial, outubro de 2021).

É o momento dos leigos, daquela presença inovadora, daquela acolhida e daquela escuta plena que permitem a ação educativa evangelizadora: este é o objetivo do Concílio Vaticano II, ainda em curso. Quando será realizado, realizar-se-á um dos sonhos do Papa Francisco para a Igreja: “o caminho da Igreja é este: encontrar-se, unir-se, escutar-se, discutir, rezar e decidir. E este é o apelo sinodal da Igreja, em que se exprime a comunhão da Igreja”. (Francisco, *Novità e resistenza*. Meditazioni durante la Messa a Santa Marta. 28 aprile 2016)

Este caminho da Igreja é uma forma de democratização que se aprende na convocação e nas consultas já realizadas face a grandes problemáticas (*Sínodo delle Famiglie: Sínodo dei Giovani, Sínodo dei Laici*), mas também nas ações que motivam uma grande reforma eclesial expressa sobretudo nas origens carismáticas e nas respostas proféticas à humanidade sofrida. Neste caminho de comunhão todos são interlocutores, como tem evidenciado o sacerdote e teólogo Joseph Maria Rovira no livro *Vaticano II: Concilio per il terzo millennio*: “A alma da sinodalidade consiste na certeza de todos os membros da Igreja – pastores e leigos – de que é possível discutir com serenidade e honestidade, cada um dos temas próprios da missão eclesial, porque toda a Igreja sabe e crê que a Palavra de Deus a guia e que o Espírito Santo a ilumina a fim de que possa encontrar o consenso na linha da tradição da fé”. (J.M.Rovira, *Vaticano II: un Concilio para el tercer milenio*, BAC, Madrid, 1997,83).

“A presença dos Leigos na Família Salesiana promove a comunhão carismática na fidelidade às origens”. Os Fundadores são um exemplo de liame estreito e confiante com aqueles que caminham lado a lado em cada presença

salesiana, e partilham vida e missão em vista do crescimento humano e cristão dos jovens.

Uma experiência de abertura ao Espírito Santo que se manifesta em modos diversos para dar respostas concretas e alargar os espaços desta grande família, na qual cada um tem seu lugar.

O artigo 39 da Carta de Identidade Carismática da Família Salesiana de Dom Bosco, que faz referência à formação partilhada, apresenta um modo de viver esta comunhão: “Para aprendermos a aprender junto é necessário, sobretudo, aprendermos a pensar junto, porque há sempre o perigo de reduzirmos o outro ao nosso próprio ponto de vista. Isto é possível quando se supera o medo do confronto e da partilha, quando nos destacamos de nós mesmos para nos concentrar sobre os outros, quando nos concentramos no bem em si mesmo e não sobre nossas próprias afirmações, quando verdade e caridade estão unidas. Além disso, é necessário aprender a trabalhar junto, encontrando modalidades e estratégias em vista de uma busca partilhada e um diálogo construtivo. Sempre e de todos os modos devemos rezar juntos para que o Espírito que é a Luz da verdade e vínculo da unidade, o Inspirador de tudo que é bom, justo e oportuno para o bem de cada um e de todos”.

Promover a comunhão a partir do convite da Família Salesiana, é um grande desafio e não fácil, a fim de que a sinodalidade seja possível em cada presença. É um desafio cotidiano, um apelo ao Espírito Santo, grande mestre de sabedoria, para aprendermos a discernir e a fazer as melhores escolhas.

São 150 anos de sonhos e de realidade carismática, e seguramente há ainda muito a ser vivido. Com esta certeza, é preciso darmos espaço nas comunidades educativas aos leigos, dar-lhes novamente com confiança e afeto o tesouro maior que é o carisma, formar-se juntamente. Com eles sairmos rumo às periferias, lado a lado, multiplicando a esperança.

Espalancarmos as portas, respirarmos profundamente nas comunidades, pois muita é a alegria de estarmos juntos e de colaborarmos para que o Espírito Santo permaneça em meio aos jovens.

Escolher o bem

Veronica Petrocchi

veronica.petrocchi91@gmail.com

“Dedicar-me ao outro é o que faz estar realmente bem” - com estas palavras começa a minha casual conversa com Amira. Ela tem o olhar de quem passou por muitas dificuldades, mas tem ainda muito – talvez demais – a oferecer.

A história que me relata, em uma praça arborizada em uma tarde de maio, é a sua vida. Suas origens africanas e o amor pelas suas raízes se manifestam na emoção com que pronuncia e recorda os locais de sua infância que não vê desde muito. Não sabe como está sua família, sua tribo e se a vila em que nasceu foi ou não destruída. Atualmente na África há conflitos em 31 Estados: Burkina Faso (desencontro entre étnicos), Egito (guerra com militantes islâmicos), Líbia (guerra civil), Mali (desencontro entre exército e grupos rebeldes), Mosaico (desencontro com rebeldes RENAMO), Nigéria (guerra com militantes islâmicos), República Centro-africana (frequentemente acontecem lutas

armadas entre muçulmanos e cristãos), República Democrática do Congo (lutas com grupos rebeldes), Somália (guerra com militantes islâmicos de al-Shabaab), Sudão (lutas com grupos rebeldes no Darfur), Sul Sudão (lutas com grupos rebeldes).



A guerra amedronta, gera morte, mas ela teve a força e a sorte de redimir-se. A sua é uma história positiva, de fato hoje trabalha como mediadora cultural para uma importante associação internacional. Ela ajuda o próximo como outros lhe fizeram para que se realçasse. Não possuía nada, vivia ao longo de estrada constrangida a prostituir-se. Não podia rebelar-se, mas o destino, ou a Providência, realizaram um pequeno milagre colocando diante dela uma jovem voluntária da *onlus* para a qual hoje trabalha.

Tantas vezes nos sentimos tão frágeis, tão amarrados a nós mesmos, aos nossos pequenos problemas que não vemos mais nada. Se apenas pensássemos em quantas pessoas, cada dia, cruzam os nossos caminhos, quanto sorrisos poderíamos oferecer a um ou a outro e, ao invés, permanecemos fechados em nós mesmos, aflitos e tristes, também egoístas.

Amira, porém, sorri sempre, conhece o sofrimento e, por isto, aprendeu logo, a lutar. Tem 27 anos, com a maturidade de uma mulher adulta, consciente de seu passado e forte pelo seu presente e seu futuro. À pergunta: “O que te deu força para seguir em frente?” respondeu: “Três coisas: o amor por mim mesma, a fé, em Alguém que fez a diferença, não permitiu que me sentisse sozinha e abandonada, mesmo nos momentos mais obscuros”.

Desconcertada por suas feridas e erros, *Amira* pensou também na morte. Sentia vergonha, mesmo que tantas vezes fosse constrangida a fazer escolhas. O que mais a perturbava era a ideia de ter que vender seu corpo e a sua alma como um produto, ser tratada como objeto. Mas acreditou que poderia fazer algo melhor. Mesmo após ser vencida pela fraqueza da carne, após ter caído, olhou para a misericórdia de Deus e se entregou a ela. Sermos cristãos, na verdade, significa sermos profundamente amados por Deus que nos vê com todos os nossos pecados e nos ama, ainda assim. Caía e, o primeiro pensamento era voltar-se novamente para o Senhor. Foi esta a sua tenacidade e o orgulho na convicção de que seremos sempre perdoados; isto foi o que a ajudou.

O Senhor ilumina também nossos corações, como o de Lúcia, a operadora voluntária que encontrou o olhar de *Amira*. Bastou-lhe pouco para compreender que, por trás daqueles olhos negros, se escondia uma profunda história de sofrimento; havia neles um pedido de auxílio a ser acolhido e, ao qual, dar uma resposta concreta. Após obter todos os documentos e ter iniciado um curso de italiano, *Amira* foi admitida na Associação. Começa, assim, uma primeira fase de orientação para verificar se a pessoa está pronta para empreender um percurso com um primeiro monitoramento sobre competências e depois, com a tutoria, durante os tirocínios. A formação é focada no viver cotidiano, ensina como apresentar-se durante uma entrevista de trabalho, como vestir-se, algumas já sabem, outras, menos secularizadas, podem encontrar dificuldades.

No início, “torna-se mais difícil a inserção das jovens, justamente aquelas provenientes da África “porque para elas é mais difícil a adaptação aos nossos hábitos e o aprender a língua italiana. Mas há também outros motivos entre os quais a desigualdade; nas empresas, por vezes, não são escolhidas as mulheres de cor.

Habitualmente as empresas escolhidas para o tirocínio são as da restauração, dos penteados, da pastelaria, do corte e costura, das limpezas. Outras vezes as moças são inseridas em setores diversos, justamente para fazerem emergirem as capacidades individuais.

Entre as histórias mais belas que *Amira* me contou, há a de uma pessoa que conseguiu obter um diploma de contabilidade e entrou em uma empresa de contadores. Ao término do percur-

so de inserção, estas mulheres tomam as rédeas da própria vida e evitam o risco de cair na trama humana. Quem entra no sistema de acolhida tem o necessário para viver, não só materialmente, mas emocionalmente. Alimenta-se, assim, a determinação de querer uma vida melhor, e isto graças ao trabalho dos operadores e voluntários que restituem esperança a mulheres sem futuro. É importante a consciência de que “és tu que debes encontrar um futuro melhor aqui, somente assim o terá também a tua família, seja a que deixaste em teu País como a que construirás”.

Tantas vezes, após o nosso encontro, pensei em como teria eu reagido a todas as situações tremendas vividas por *Amira*. Não creio que as teria superado tão bem como ela o fez, com sua dignidade de mulher que forte na fé, mantém aquele liame profundíssimo e sincero que a une de modo indissolúvel ao Pai.

O Pai que nos ama, não obstante nós, não obstante nossos defeitos e não obstante nosso ceticismo. *Amira* tem uma relação com o futuro, com a vida e com o outro que parece superar os sentimentos e as emoções terrenas.

Enquanto me falava da longa viagem, entre violências e depressões, meu coração se tornava pequeniníssimo; eu não tinha palavras e instrumentos para responder de modo adequado e sensato à sua narração. Mas me convencencia da existência e da profundidade do liame com Ele e com os outros que, se escutado, compreendido e acolhido poderemos fazer florescer em dons maravilhosos. ***Amira* escolheu a estrada do bem!**



A gestão da comunicação em perspectiva sinodal

Marcia Kofferman, FMA
marciak27@yahoo.com.br

A Igreja católica propõe a ideia da *sinodalidade* no sentido de caminhar junto no seguimento de Jesus Cristo. Colocar em prática a identidade da sinodalidade requer que se pense em todos os aspectos da vida e da missão na Igreja. A partir da perspectiva da Educomunicação, são muitos os elementos que levam a viver em sinodalidade.

40

Como instituição religiosa, a Igreja desenvolve sempre processos de comunicação e, em cada caso, é necessário gestar processos a fim de que sejam, de fato, um caminho comum, intencional e conforme a realidade. Na perspectiva salesiana, gestão comunicativa é entendida como: “*Uma dimensão, uma abordagem de ação que visa a promover a organização e a articulação de todas as condições materiais e humanas necessárias para assegurar o avanço dos processos comunicativos nos espaços educativos, orientados à promoção efetiva da comunicação entre alunos e educadores. É um modo de ser e de fazer caracterizado por ações conjuntas associadas e articuladas*” (cf. Ecosbrasil, 2014).

Neste sentido é necessário pensar nos processos de gestão da comunicação desde o nível mais complexo, por exemplo o Sínodo da Igreja àquele

mais próximo, como a Comunidade Educativa, a classe, o grupo juvenil ou a comunidade religiosa. Do ponto de vista educacional, cada ação deve ter uma intenção, porque educar, evangelizar e comunicar no espírito salesiano, são elementos profundamente interconexos e interdependentes. Para gestar a comunicação em perspectiva sinodal são propostos cinco passos concretos.

■ Escutar e analisar a realidade

Em uma dinâmica sinodal, o primeiro passo é sempre a atitude de escuta. Como recorda Papa Francisco na 56ª mensagem para a Jornada Mundial das Comunicações Sociais 2022: “*A escuta é o primeiro e indispensável ingrediente do diálogo e da boa comunicação. Não se pode comunicar se antes não se é escutado, nem se pode fazer um bom jornalismo sem a capacidade de escuta. Para propor uma informação sólida, equilibrada e completa, é necessário ter escutado longamente. Para narrar um evento ou descrever uma realidade em uma relação, é essencial saber escutar, prontos também a mudar de ideia, a modificar as próprias hipóteses iniciais*”. Para comunicar é preciso perguntar-se quem irá receber esta comunicação, que língua usar, o que quer comunicar, como pode ser comunicado. “*Escutar com o coração*” (Papa Francisco, 2022) é a condição essencial para uma boa comunicação. Em 1961, Papa João XXIII na Encíclica *Mater et Magistra*, propôs para a Igreja o método “*Ver, Julgar e Agir*”. Entrar em contato com a realidade; portanto, ver e sentir o clamor que nos alcança nos espaços em que estamos inseridos, é fundamental para toda prática pastoral educativa. Na Encíclica ‘*Laudato Si*’, Papa Francisco é incisivo quando diz: “*As reflexões teológicas ou filosóficas sobre a situação da humanidade e do mundo poderiam soar como uma mensagem repetida e vazia, se não fossem apresentadas de modo novo a partir de um confronto com o contexto atual naquilo que é novo na história da humanidade*”. É o confronto com a realidade que deve determinar os percursos e os processos a serem encaminhados ou continuados e, através dos quais, as comunidades devem ser animadas.

41



■ Planificação conjunta

O contato com a realidade deve promover o diálogo, o pensamento crítico, a busca comum de modos de caminhar junto que levem à realização de processos capazes de transformar esta realidade para que esteja mais alinhada com o Projeto do Reino de Deus. E sob este aspecto, o debate sobre sinodalidade deve interrogar-nos: *somos capazes de trabalhar juntos? Somos capazes de passar de uma visão individualista e setorial a um trabalho colegiado e participativo?*

É comum, quando as crianças começam a aprender e a trabalhar em grupo que se tenha uma lição subdividida em partes, de modo que cada uma assuma uma parte e, ao término, se unam todas as partes para interagir com a professora. Muitas vezes a planificação das instituições segue o mesmo esquema infantil. Uma setorialização excessiva, em qualquer âmbito de ação, torna-se rígida e superada se se segue esta mesma lógica.

Ao mesmo tempo é preciso considerar que se vive em um tempo em que o diálogo sempre mais cansativo, não só pela excessiva especialização dos conhecimentos, sobretudo pelo contexto de Pós-Verdade, em que cada um tende a defender o próprio ponto de vista e termina por fechar-se e não ver a realidade a partir de outro ponto de vista. Neste contexto, um sinal profético que se pode dar à sociedade como Igreja, é evitar essa excessiva setorialização e desenvolver processos realmente abertos e participativos. É necessário promover sinergias, dialogar, envolver e escutar as diversas vozes, criar projetos e ações integrados que não sejam fragmentos de propostas isoladas, mas percursos convergentes e focados na integralidade da pessoa.

Neste sentido, a gestão da comunicação é uma arte que busca fazer com que as pessoas trabalhem de modo colegiado e participativo, motivadas por uma intencionalidade comum que supera a presunção egocêntrica do agir sozinho. A lógica mesma de organização em rede, paradigma de uma sociedade atual, exige da sociedade e obviamente de toda instituição, esta dinâmica colaborativa que facilita a transferência de conhecimentos, a troca do *know-how*, a pluralidade de vozes e o envolvimento das pessoas no processo decisório.

Um aspecto importante em relação à planificação conjunta é a clareza da metodologia, o saber exatamente onde se quer chegar e quais são os meios e os percursos que serão utilizados, para alcançar os resultados desejados. A lógica projetual, conhecendo os passos a serem dados, os métodos propostos e fazendo leva sobre a corresponsabilidade das pessoas envolvidas, é fundamental para uma boa planificação.

■ Follow-up:

Não basta projetar, é necessário acompanhar os processos. Hoje, com a facilidade das media, o monitoramento pode ser praticado de inúmeras maneiras. Acompanhar significa caminhar junto, escutar as dificuldades encontradas, propor sugestões alternativas: discutir sobre os sucessos e os limites encontrados, requer tempo e corresponsabilidade.

Os encontros, em cada caso, não devem ser somente protocolos a serem seguidos, mas espaços de diálogo frutuoso e de busca comum de crescimento pessoal e comunitário, a partir dos itinerários ou das etapas propostas durante o planejamento. As ocasiões de encontro são espaços de sinodalidade que permitem a convergência das ações, de modo que as pessoas envolvidas constituam núcleos animadores empenhados na realidade.

■ Avaliação

Fala-se muito, nos contextos educacionais, da implementação de uma cultura da avaliação. Esta ideia não é nova, mas precisa sempre ser retomada. A avaliação contínua deve ser garantida durante os processos de monitoramento e a avaliação ao término dos processos propostos é a base para uma nova planificação. Um risco que se corre nas Instituições é que mudando o *manager* perde-se a história da-

quilo que já foi construído. Avaliar é muito mais do que atribuir um valor a alguma coisa, é compreender os processos desenvolvidos, a eficácia dos métodos usados, as mudanças obtidas, o empenho experimentado, é reconhecer que há uma história construída e que, de algum modo, influencia a realidade presente. A avaliação é também uma oportunidade para acelerar os processos de sinodalidade construídos em um certo tempo e espaço.

■ Flexibilidade e agilidade nas mudanças

Outro aspecto importante da gestão de comunicação é a flexibilidade na mudança. O tempo da pandemia, entre as muitas lições, deixa a certeza de que é preciso flexibilidade para nos adentrarmos

às contínuas mudanças do tempo atual. Embora se tenha um plano a seguir, a flexibilidade é necessária para acolhermos as novidades que surgem na vida cotidiana. A agilidade para incorporar solicitações, tomar decisões, implementar processos, comunicar informações relevantes é um *must* na nossa contemporaneidade. A flexibilidade e a agilidade são características que devem ser integradas, seja pelos indivíduos como pelas instituições, em qualquer instância ou âmbito de ação.

Estes passos constituem uma via para a construção de processos sinodais de gestão da comunicação, alargando sempre mais a visão da diversidade das pessoas, para promover a comunhão.



Arte e fé

Paolo Ondarza

paolo.ondarza@gmail.com

“Contemplada com ânimo puro, a beleza fala diretamente ao coração, eleva interiormente pelo estupor à maravilha, pela admiração à gratidão, pela felicidade à contemplação. Portanto, cria um terreno fértil para a escuta e o diálogo com o homem e para abraçá-lo inteiramente, mente e coração, inteligência e razão, capacidade criativa e imaginação”. Irmã Rebecca Nazzaro, Superiora das Missionárias da Divina Revelação, com o hábito verde como a Virgem das Três Fontes, a Bela Senhora, aparecida há 75 anos, em 1947 em Bruno Cornacchiola, em uma gruta nas vizinhanças do lugar do martírio de São Paulo.



O convite de Nossa Senhora “*Sede Missionárias da Palavra da Verdade*”, move a obra missionária das religiosas nos caminhos da nova evangelização. Particular atenção é dada à catequese por meio da arte. “A beleza – conta Irmã Rebecca – dificilmente deixa indiferentes: suscita emoções, põe em movimento um dinamismo de profunda transformação interior que gera alegria, sentimento de plenitude, desejo de participar gratuitamente desta beleza, desejo de apropriar-se dela, interiorizando-a e assumindo-a na própria existência concreta. A via da beleza responde ao íntimo desejo de felicidade que mora no coração de todo ser humano. Ela abre horizontes infinitos, que impulsionam o ser humano a sair de si, da rotina e do momento efêmero que passa para abrir-se ao Transcendente e ao Mistério; leva a desejar, como finalidade última de seu desejo de felicidade e de sua nostalgia de Absoluto, esta Beleza original que é Deus mesmo, criador de toda beleza criada”.

■ Qual é a arte para contemplar a Deus e rezar?

“Seguramente a arte sacra é o instrumento privilegiado para contemplar. De fato, somente esta, fundada na Revelação, torna manifesto Aquele que, sendo invisível, tornou-se visível aos homens. A Igreja, guardiã da fé, guia os homens e também os artistas, na lógica da antropologia cristã, no modo correto de compreender o humano e, portanto, produzir arte sacra para evitar de inserir na imagem erros teológicos ou doutrinários que criariam confusão nas pessoas e incapacidade de abrir-se ao Infinito. Este Infinito, este logo no princípio de tudo, é o ser por excelência e, uma vez que vem eu o nulo, é por si mesmo bom e deve ser também verdadeiro e belo.

Uma tríade indivisível que permite, ainda hoje, porque o *húmus* do homem não muda, oferecer cânones de discernimentos à antropologia cristã, “aquela verdadeira”. A partir daqui se chega ao valor verdadeiro da arte sacra, pois aquele Deus Infinito, Aquele que é o Verdadeiro, o Belo e o Bom se revelou: é Jesus de Nazaré”.

■ A arte pode ser hoje instrumento da nova evangelização?

Papa Francisco na *Evangelii Gaudium* nº 167, diz: “É bom que toda catequese dedique especial atenção à “via da beleza” (*via pulchritudinis*). Isto porque a arte tem o grandíssimo poder de ajudar o ser humano a voltar o olhar rumo ao infinito. Diante da beleza não há possibilidade de permanecermos indiferentes. Porém, o impacto com a beleza precisa ser declinado naquela mensagem da qual a arte é portadora e aqui reside a nossa missão: anunciar o Evangelho através das imagens. Afinal de contas, é um partir da beleza artística para chegar à verdadeira beleza: Jesus Cristo”.

■ A quem vos dirigis?

“Nossa missão não tem um target específico; nasce do convite da *Virgem da Revelação: sede missionários da Palavra da Verdade*. 75 anos transcorreram desde a aparição de Maria Santíssima na gruta das Três Fontes, mas a sua mensagem permanece atual: fazer conhecer a beleza da fé. É um convite amplo que nos impulsiona a responder à necessidade de ontem e de hoje de anunciar a verdade da fé que se fundamenta em três brancos amores: a *Eucaristia*, a *Imaculada* e o *Papa*. Qualquer que seja o âmbito no qual a Providência nos chama, nossa missão será para nós ocasião de missão e de evangelização”.

■ Catequese com arte. Em que consiste? O que são os itinerários Arte e Fé?

Desde 2004, ano da presença estável o interior da Basílica de *São João em Latrão*, nasce a *Catequese com Arte* que propõe uma ligação, tão antiga quanto nova, entre a linguagem da arte e a da fé. Os *itinerários de Arte e Fé* se propõem a valorizar o patrimônio histórico, artístico e religioso que a cidade de Roma oferece ao mundo. A cidade eterna, de fato, berço da memória dos Apóstolos, dos Mártires, dos Santos, além de hospedar a pessoa do Papa, se oferece, ontem como hoje, para redescobrir as raízes cristãs, da história e da fé. Em 2007 fomos chamados a prestar este serviço evangelizador no interior da Basílica de *São Pedro*, no Vaticano e pouco depois, em 2009, nos *Museus vaticanos*. A partir de 2021, a convite da Diocese de Roma guia-



mos os itinerários de Arte e Fé no interior do *Palácio Lateranense* com o suporte de guias autorizadas e formadas para transmitir, conosco, a mensagem da fé através da arte”

(<https://www.divinarivelazione.org/cose-arte-e-fede/>).

■ **Servi-vos também da web...**

“Temos um *Site web* internacional no qual apresentamos a nossa comunidade, a história da *Virgem da Revelação*, da qual nascemos, os itinerários de Arte e de Fé, os artigos temáticos e recolhemos intenções de oração. Unido a isto, o canal *Youtube* nos permite partilhar no web, com amplo raio de fiéis, os encontros on line de Catequese com Arte, os encontros de formação e, também, momentos de oração e novenas específicas”.

■ **Durante o *lockdown* continuastes vossa missão a serviço da fé e da beleza. O que as pessoas vos pediam naquele momento dramático?**

“A pandemia foi um momento difícil para todos, momento em que a vida parecia suspensa. Nada mais parecia dar certo e, então, recebemos tantos pedidos de auxílio e de suporte. Assim, sempre *on line*, organizamos encontros diários de oração, e uma vez ao mês, um encontro de catequese com arte *on line*. Decidimos não interromper nossa missão devido ao *lockdown*, mas de realizá-la assim como aqueles tempos impunham, sabendo sempre que o Senhor é o Rei do tempo e da história e que tudo, se for entregue em Suas mãos, teria produzido muitos frutos”.

■ **Vosso hábito verde pode ser facilmente reconhecível. Como reage quem em um museu ou em um espaço de arte vê uma Irmã, que guia grupos de visitantes?**

“Há sempre grande surpresa, unida também a uma certa curiosidade porque, certamente, não é comum marcar uma visita guiada e encontrar uma consagrada como guia. Porém, há sempre muita disponibilidade das pessoas e, frequentemente nascem diálogos muito profundos que abrem o caminho para o retorno à fé ou para seu aprofundamento”.

■ **O que vos distingue de uma comum guia turística?**

“In primis”, aquilo que somos. Nós somos mulheres consagradas e, através esta missão de evangelizar pela arte, oferecemos aos nossos irmãos, a grandeza da Revelação cristã. E, nesta missão, aquilo que levamos é aquilo que somos, o que entregamos e aquilo que cremos: Jesus Cristo e a Igreja”.

■ **A arte é estritamente ligada à liturgia. Este é um aspecto ao qual vós vos dedicais particularmente.**

“A arte é estreitamente ligada à beleza e a beleza, na linha dos transcendentais clássicos, é um dos atributos de Deus. Assim, evidentemente, no mistério da celebração litúrgica a beleza que relata lugar, deve ser imagem daquela eterna e imutável que é o próprio Deus. Uma beleza que convida sempre o coração do ser humano a olhar para o alto, a olhar para o seu Senhor. Um esplendor que ajuda a entrar naquele clima sagrado e a contemplar o mistério do amor divino que se revela na celebração eucarística. Eis porque a união entre beleza e liturgia é essencial”.

■ **O que significa para vós, Irmãs Missionárias da Divina Revelação, viver a sinodalidade?**

Para a nossa história missionária, nascida na Gruta das Três Fontes, a sinodalidade, isto é, o caminhar junto, é constitutivo da nossa vida. Caminhar junto para descobrirmos a beleza do Evangelho, para nos sentirmos parte da Igreja dos Santos e dos Mártires e, sobretudo, caminharmos juntas na Verdade que “torna livres” para nos abrir à ação do Espírito Santo”.



Encontro de almas

Mariano Diotto, SDB

m.diotto@iusve.it

Quando se vive um encontro o cérebro já atribui àquele momento um valor, seja este positivo ou negativo, ao mesmo tempo aquela experiência se torna ocasião de conhecimento que se realiza quando duas ou mais pessoas se encontram no mesmo lugar contemporaneamente. Seja física ou virtualmente através da Rede. É possível fixar um limite com o qual a pessoa se dá no encontro? É possível decidir logo se aquele momento irá gerar uma amizade, um amor para sempre ou não? Na música, frequentemente os artistas se colocaram esta pergunta, porque todo encontro tem uma magia que reside em algo que, a priori, é desconhecido, que é misterioso, revela e ao mesmo tempo esconde, que aproxima e pode também distanciar.

■ **O encontro amigável**

O nascimento de uma amizade com novas pessoas pode intimidar, mas é seguramente um resultado gratificante de um encontro querido ou inesperado. Muitas pessoas são nossas amigas porque a vida levou-nos a encontrá-las sem uma nossa efetiva vontade. Com a particularidade de que os amigos estão na base da vida de relação para muitos de nós. Com os amigos pode-se atravessar junto a vida, partilhar dores e alegrias, desafogar-se ou escutar. Sem amigos a nossa vida não seria mais a mesma. Provavelmente não seríamos aquilo que somos se não fosse por eles.

O encontro que desemboca em amizade permite que as emoções sejam seu motor de acionamento. Isto é cantado pelo grupo irlandês dos **The Corrs** na canção *At your side*. “Quando a luz do dia termina e estás sozinho/ E precisas de um amigo, somente para estar em giro/ Eu te consolarei, tomarei pela mão/ E te farei passar, compreenderei/ E tu sabes que... / Estarei ao teu lado/ Não precisa preocupar-te/ Juntos sobreviveremos/ E estarei ao teu lado se te sentires sozinho e se não tens lugar algum ao qual te voltar/ Estarei ao teu lado/ Se a vida é firme e tua alma está confusa/ E não consegues encontrar a estrada a escolher”.



Quando fazemos novas amizades, abrimo-nos completamente ao outro, oferecendo confiança, esperança que sejam pessoas boas, com bom coração e boas intenções. Assim bem o narram os **Beatles** na inesquecível *Whith a little help from my friends*: “O que faço quando meu amor está fora? Preocupa-te estar sozinho? Como me sinto no fim da jornada? Estás triste porque estás sozinho? Não, eu me ajeto com um pequeno auxílio dos meus amigos”.

De fato, a maior parte dos nossos encontros não têm o objetivo de realizar simples conhecimentos, mas, sim, ter amigos constantes e, se possível, ter “os melhores amigos”.

■ O encontro de amore

O encontro com a pessoa com a qual decidiremos passar juntos a vida toda está entre os mais poderosos em nível emocional.

A escolha que dele deriva não é absolutamente casual, mas segue regras bem precisas que assumem uma função decisiva no fazer com que nos orientemos para uma pessoa ao invés de outra. Na canção que venceu o Festival de Sanremo 2022, cujo título é “*Brividi*” cantada por **Mahmood e Blanco**, narra-se justa-

mente como dois jovens, pertencentes a duas gerações diversas, amam com a mesma intensidade e com os mesmos temores, com o mesmo medo de errar e de sentirem-se inadequados, talvez guiados por aquela incapacidade de conseguir transmitir aquilo que experimentam. Há uma visão romântica daquele encontro nesta canção e uma outra mais concreta e apaixonada.

“Nu com arrepios. Por vezes não sei manifestar-me. E desejaria amar-te, mas sempre erro. E quereria roubar para ti um céu de pérolas, E pagaria para ir embora. Aceitaria até uma mentira. E desejaria amar-te, mas sempre erro. E experimento arrepios, arrepios, arrepios”.

Diz o escritor Paulo Coelho “É fácil entender como no mundo existe sempre alguém que espera por outro, que se encontra em um deserto ou em uma grande cidade. E quando estes dois seres se encontram e seus olhares se cruzam, todo o passa-

do e todo o futuro não têm mais importância alguma. Existem somente aquele momento e aquela extraordinária certeza de que todas as coisas, debaixo do sol, foram escritas pela mesma mão, a mão que esperta o Amor e criou uma alma gêmea para quem trabalhe, descanse e procure os próprios tesouros debaixo do sol, porque se tudo isso não existisse, não teriam

mais sentido algum os sonhos da humanidade”. O encontro de amor, portanto, transforma as pessoas e faz com que ambas se unam, ambas mantendo a própria diversidade. Não é fusão, mas união na alteridade. É o que narra **Ed Sheeran** na sua canção *Perfect*: “Pequena, estou bailando no escuro contigo entre meus braços/ Com pés nus em cima da erva, escutando a nossa canção preferida/ Quando dizias que parecias um desastre, eu sussurrava em baixa voz:/ Mas o ouvias, tesouro, és perfeita nesta noite/ Bem encontrei uma mulher, mais forte do que qualquer uma que conheço/ Ela partilha meus sonhos, espero que um dia partilharei a sua casa/ Encontrei um amor para manter mais que apenas meus segredos/ Para manter o amor, para ter as nossas crianças”.

O encontro de amor não é racional, porque além de abrir a mente, quando temos diante de nós uma pessoa educada e cortês, abrimos também o nosso coração. E isto manifesta que somos confiantes, temos fé e acreditamos na bondade dos outros. É por isso que podemos dizer que o encontro não é vivido objetivamente, mas o vivemos através de filhos subjetivos que cada um de nós possui. A sincronia, aquela conexão entre um fato real e um estado interior ao qual atribuímos fortes traços emotivos e que torna aquele encontro único e irrepetível.

■ O encontro divino

Papa Francisco, no Angelus, disse que “O encontro com Jesus não se esquece jamais”. Como para os outros, também este requer um empenho de nossa parte, embora este deixe um sinal indelével. É um dos temas recorrentes nos textos de **Bono Vox** dos U2, como na canção *When love comes to town* onde o encontro acontece na paixão de Jesus: “Eu estava lá quando crucificaram meu Senhor/ Eu segurava a bainha/ Quando o soldado tirou a espada/Eu lancei o dado quando traspassaram o seu flanco/ Mas vi o amor vencer a grande separação”. Encontrar Deus quer dizer estar em relação com Ele. Deus se torna Aquele para quem uma relação assim estreita permite gritar, rebelar-se, confrontar-se ou rezar. Como nos relatam os dois can-

tores de música cristã contemporânea **Matt Redman** e **Jaci** em “*Always grace*”: “Há sempre graça/ caminho para a misericórdia/ Uma porta aberta/ Bem-vindo à casa/ E se caio/ Caio sobre Jesus/ e Tu me levantas/ Senhor, Tu me levantas”.



Uma família vencedora. King Richard

de Reinaldo Marcus Green

Andrea Petralia

andrea.petralia95@gmail.com

Um filme surpreendente, uma história narrada com tato e com grande profundidade que parece ter como único e indiscutível protagonista o esporte. Trata-se do filme “Uma família vencedora – King Richard” dirigido por Reinaldo Marcus Green, baseado na vida de Richard Williams, pai das célebres tenistas Vênus e Serena Williams e interpretado por Will Smith.

King Richard, o título original coloca em luz qual seja o objeto principal da narração: é *biográfico*, gratificante na sua linear simplicidade, história do resgate ao estado puro, exaltação daquele sonho americano que através da afirmação em um esporte tradicionalmente “branco” se torna história inspiradora, “modelo” a ser seguido.

O filme, ambientado no início dos anos “90” narra a história de *Richard Williams*, um ex-atleta que vive em Compton, na Califórnia, com sua esposa *Brandy*, as três enteadas e suas duas filhas legítimas: *Vênus* e *Serena*. Convicto de que suas duas meninas se tornarão futuras campeãs de tênis, treina-as todos os dias nos campos livres de seu bairro de má fama e visita inestancavelmente os principais clubes esportivos do Estado para convencer as altas esferas do tênis para que assumam suas filhas em seus times. Insistente e autoritário, Richard guiará e seguirá passo a passo as carreiras de *Vênus* e *Serena* (esta, dois anos mais jovem do que a irmã), chegando a realizar todos os seus sonhos, mesmo a custo de perder a estima da esposa. Quase em fim de carreira, *Vênus* e *Serena Williams*, as duas tenistas mais vencedoras e, provavelmente mais fortes do que nunca, garantem em qualidade de produtoras executivas,



Data de lançamento: 13 de janeiro de 2022

Gênero: Dramático

Ano: 2021

Regia: Reinaldo Marcus Green

Atores: Will Smith, Jon Bernthal, Liev Schreiber, Aunjanue Ellis, Saniyya Sidney, Demi Singleton, Tony Goldwyn, Andy Bean, Kevin Dunn, Craig Tate

País: USA

Duração: 144 minutos

Distribuição: Warner Bros. Itália

Roteiro: Zach Baylin

Montagem: Pamela Martin

Músicas: Beyoncé

Produção: Overbrook Entertainment, Star Thru Entertainment, Warner Bros

uma biografia que celebra King Richard, como pai e, exaltando sua figura de sonhador teimoso. Chama, de certo modo a atenção, que nas duas horas e vinte minutos de filme, no qual o tênis dos primeiros anos ‘90’ seja passado em vistoria e não se ouça jamais falar de jogo, de estilo, de táticas e golpes, mas simplesmente, como na práxis do individualismo americano, de convicção, de vontade, humildade e vontade de vencer. De tênis jogado se vê pouquíssimo, e daquele pouco tudo é reconduzido a cada gesto, ao golpe que dos dotes extraordinários de *Vênus* e *Serena Williams* nada diz.

O esporte – qualquer esporte – mostra-se, pois, impossível de ser reconduzido ao cinema: porque sua visão não é cinematográfica, porque o esporte pode e deve prescindir de montagem; porque, ainda, uma partida se baseia no momento irrepetível e, portanto, é refratário, por definição, à narração e a finalismos.

Por estas razões – em síntese, porque sai do próprio discurso, admitindo que não é um filme sobre tênis, mas um filme sobre um homem – King

Richard, para além da veracidade histórica de muitas de suas passagens, é uma operação mistificadora. Somente assim é possível aceitar o retrato hagiográfico de um homem que luta contra todos, não só contra o mundo de

elite e branco dos círculos de tênis, mas contra sua esposa e suas perplexidades; a representação maniqueia das adversárias de *Vênus*, sempre incrédulas diante da força das futuras campeãs; ou ainda a típica estrutura dramática que une a vida no gueto, o racismo dos ambientes esportivos, o classismo do tênis, o espírito de vingança que anima *Richard Williams* e alimenta o seu sonho.

É o seu sonho: o desejo de um pai de valorizar o talento de suas filhas negras, em um mundo, como aquele esportivo dos anos Noventa, ainda repleto de preconceitos. É, talvez, o amor exagerado de um pai que, visado o bem, sufoca o protagonismo de suas verdadeiras heroínas, *Vênus* e *Serena*, que apesar da bela prova das jovens *Saniyya Sidney* e *Demi Singleton* são superadas pela presença incômoda do pai.

Não é só *Richard*, como diz sua esposa, que sufoca as filhas sem dar crédito às próprias palavras (nos

seus ensinamentos diz que “a criatura mais perigosa de toda a Terra é uma mulher que sabe pensar”), mas também o contexto histórico social no qual está ambientado.

Will Smith é protagonista absoluto da narração de um sonho americano, tornado emocionalmente mais forte porque



se trata do sonho de uma família negra, crescida em um contexto social incômodo e perigoso. Ainda uma vez o triunfo esportivo se apresenta como resgate social, familiar e individual, mas para King Richard não para as jovens irmãs, uma vez que o filme não aprofunda quase nada a respeito da personalidade e das aspirações das duas tenistas.

É, ao invés, bem evidente o desejo de vingança de um homem de passado humilde e sem glória e a busca de afirmação do clã Williams em um ambiente, o do tênis, inteiramente branco. O tema racial fica escondido, muitas vezes, nas molduras dedicadas às adversárias muito jovens, brancas, bem vestidas, bem peteadas, como também na ressentida recusa do pai a propostas contratuais inovadoras com palavras não veladamente ofensivas e discriminatórias demais. O respeito negado chegará com a glória (com a riqueza, com a fama). Como em uma fábula dos pobres, mas bons e volitivos, os protagonistas são sonhadores de um futuro melhor, convi-

ctos de que as coisas não ficarão assim para sempre, em um bairro no qual é normal sentir-se ameaçar pelos vendedores ou assistir a um tiroteio.

O que se quer evidenciar com demasiada insistência é que o percurso para a vida melhor não é somente o talento inato, mas também a disciplina moral e a indissolúvel unidade familiar, um quente e inquebrantável sustento contraposto ao ambiente insalubre e competitivo dos campeonatos juniores. Uma narração compacta e fluida que não causa cansaço algum. Para além da função interpretada, é preciso mencionar a interpretação de Will Smith, tão mimético do ponto de vista físico e expressivo, uma prova maiúscula que deu ao ator a sua terceira nomeação ao Oscar, depois de “Ali” (2001) e “A busca da felicidade” (2006) e a vitória da tão ambicionada estatueta de ouro.



“O filme traz na tela a história das campeãs Vênus e Serena Williams, mas sobretudo a coragem de seus pais Richard e Oracene, os extenuantes sacrifícios realizados para treinar as duas jovens nos campos desolados de Compton, debaixo dos golpes de uma criminalidade sem controle, sonhando para elas o Olimpo do tênis. Mais do que ser um vibrante filme sobre o valor do esporte, “Uma família vencedora. King Richard” é o instantâneo de uma família sólida e unida, de pais tal qual posto avançado de coragem, valores e resiliência nas periferias da América. “Uma história que aquece o coração e inflama o sonho” (Sergio Perugini, Avvenire, 29 marzo 2022).



Boa vida. Tu és uma maravilha!

Emilia di Massimo

emiliadimassimo@libero.it

“*Tu és importante! Tu és único! És única! Tu és uma maravilha!*” É esta a mensagem central que Papa Francisco dirige a cada pessoa e que apresenta como o eixo de todo e qualquer renascimento.

■ Vive, ama, sonha, crê

O livro é o manifesto do Papa para o despertar da vida, em qualquer idade e isto é possível se aplicamos 15 regras assim formuladas pelo Papa Francisco, regras que permitem viver uma boa vida: 1. *Somos todos preciosos.* 2. *O melhor da vida.* 3. *O momento único é agora.* 4. *É preciso evitar cuidadosamente.* 5. *A caça de tesouros.* 6. *E quando vem a dor?* 7. *Cultiva a sabedoria.* 8. *Não fiques no balcão.* 9. *Suja tuas mãos.* 10. *Nunca sozinho.* 11. *Contracorrente.* 12. *Tens olhos, contempla!* 13. *Não pares de sonhar.* 14. *Como desvelar a maravilha que está em ti.* 15. *Não te deixes atropelar pela amargura.*

Francisco insiste que se pode sempre começar de novo porque Deus pode fazer recomeçar em cada um, uma história nova, até dos fragmentos, assim argumenta ele nos 14 capítulos, tratando temáticas variadas com realismo, senso crítico, humorismo. Os temas têm um denominador comum: cada ser humano é “uma maravilha”, até quando as preocupações ou o cansaço marcam a face porque “há sempre uma luz que brilha na noite”. Francisco convida a vivermos no presente, no hoje, o único dia maravilhoso, sem jamais nos cansar de sonhar e, sobretudo, deixando-nos surpreender pelo amor. É esta a *boa vida* da qual, como natural consequência, brotará a alegria plena e concreta, aquela que toda pessoa procura desde o seu nascimento,



mas o Papa sabe bem que isto não é sempre fácil, devido às dificuldades da existência, do pessimismo e do cinismo que perpassam o mundo moderno. Por tal motivo é preciso abrir o coração à Providência e deixar que nele entrem a ternura e a misericórdia. O texto nos faz saborear plenamente a maravilha que somos e nos dá o saber autêntico de uma existência realmente vivida, embora nela esteja inclusa a experiência da fragilidade porque “a memória de Deus não é um disco rígido que registra e arquiva todos os nossos dados. Sua memória é um coração terno de compaixão: Não leva em conta os erros e sempre nos ajudará a aprender algo, também de nossas quedas”. Portanto viver, amar, sofrer, esperar sempre no Seu irrevogável amor, desenvolvendo as ações, sobretudo aquelas que são consideradas banais, com o maior cuidado e com a mais viva atenção, como se delas dependessem, as sortes do mundo.

“Os seres humanos, por quanto sejam diversos uns dos outros, foram criados para viver juntos. Nos contrastes, tem paciência: um dia descobrirás que cada um é depositário de um fragmento de verdade”. (Papa Francisco)

■ Plenas de palavras de amor

A segurança de ser uma maravilha necessita saber pedir a graça do estupor, pois *“como se pode testemunhar a alegria de ter encontrado Jesus, se não nos deixamos encontrar a cada dia pelo seu amor surpreendente, que nos perdoa e nos faz recomeçar?”* Se a fé perde o estupor, torna-se surda: não sente mais a maravilha da Graça, não sente mais o gosto do Pão da vida e da Palavra, não percebe mais a beleza dos irmãos e o dom da criação. E, não há outra via para refugiar-se senão nos legalismos, nos clericalismos e em todas essas coisas que Jesus condena”. Aprender da maravilha, cultivar o estupor, não é exclusivamente finalizado a adquirir um bem-estar pessoal, mas também a assumir uma nova concepção da relação entre os seres humanos e com a natureza, a abrir-se a uma economia diferente na qual a produção de riqueza seja dirigida ao bem-estar integral do ser humano e a melhoria (não à destruição) de nossa *casa comum*. A interconexão com o criado e com os seres humanos pede uma atenção particular aos excluídos

para restituir-lhes a dignidade, sem jamais esquecer que, afirma Papa Francisco, “o verdadeiro poder é o serviço. É preciso cuidar do povo, cuidar de cada pessoa, com amor, especialmente daqueles que são frágeis e que frequentemente estão na periferia do nosso coração”.

Exortando a entrar em relação com o próximo, o Pontífice apresenta as dificuldades que, por vezes, são percebidas no encontrar o outro: Precisaria recordar que dialogar “nasce de uma atitude de respeito para com o outro; nasce da convicção de que o outro possui algo e bom a dizer; pressupõe

fazer espaço, no nosso coração, ao seu ponto de vista, à sua opinião e às suas propostas. Dialogar significa uma acolhida cordial e não uma condenação preventiva. Para dialogar é preciso saber baixar as defesas, abrir as portas de casa e oferecer calor humano”. A ecologia integral é a temática subjacente (e não) das temáticas tratadas e, além do respeito pelo Criado e da relação com os outros, neces-

sita de duas palavras chave: *contemplação e compaixão*. A Contemplação nos torna conscientes de que “a natureza é plena de palavras de amor”, o que não se pode escutar no rumor constante, na distração permanente; “uma ecologia integral requer que dediquemos um certo tempo para recuperar a serena harmonia com a Criação, para refletirmos sobre nossos estilos de vida e nossos ideais, para contemplarmos o Criador que vive entre nós e naquilo que nos circunda, e cuja presença não deve ser construída, mas descoberta e desvelada”. Contemplar significa “conceder-se tempo para fazer silêncio, para rezar, de tal modo que na alma retorne a harmonia, o equilíbrio sadio entre cabeça, coração e mãos; entre pensamento, sentimento e ação. A contemplação é antídoto das escolhas apressadas, superficiais e inconclusivas.

“Se erras, levanta-te. Nada é mais humano do que cometer erros. Mas, aqueles mesmos erros não devem se tornar uma prisão. Não permaneças engaiolado nos teus erros”. (Papa Francisco)

Quem contempla aprende a perceber o terreno que a sustém, entende que ação não está sozinha no mundo, não está sem sentido. Descobre a ternura do olhar de Deus e compreende que é precioso”.

Fruto da contemplação é a compaixão pelos outros: “escolher não ter inimigo algum para ver em cada pessoa um próximo”.

O livro do Papa Francisco, pelos múltiplos temas tratados, pode ser

utilizado para uma reflexão pessoal, comunitária, em âmbito educativo e formativo ou para fazer dele um presente, em particular para os jovens, mas é particularmente aconselhável para saborear uma *boa vida*.



Tempo de... escolhas

56

camilla

Caros amigos,

Somos chamados a olhar o horizonte em um presente tecido pela “dinâmica pascal”, que nos impulsiona a procurar com fé Jesus Ressuscitado. Ele está no meio de nós e nos ajuda a caminhar sem temor, anunciando a Sua presença em tantas realidades e sobretudo naquelas que requerem gestos de humanidade e sinais de Deus. Por vezes pensamos que estas situações estão distantes de nós, ao invés estão muito próximas. Convido-vos a olhar o horizonte mais próximo que nos convoca. A celebração dos 150 anos de Fundação do Instituto das FMA que nos oferece a possibilidade de renovar o caminho de discernimento e de escolhas feitas por Madre Mazzarello e pela primeira comunidade de Mornese: *oferecer a vida a Deus, entregando-a pelos jovens*.

Como continuar hoje a fazer este renovado caminho de discernimento e de escolhas com coração esperançoso?

Consideremos os eventos que acontecem no mundo. Somos solicitadas a sentir com o outro, a agir, a empenhar-nos mais pela construção da “casa comum”; somos solicitadas a construir a paz e a assumir com Maria, o caminho empenhativo do CGXXIV:

- O tempo pascal reforçou a solidariedade ativa e orante nas realidades duras da guerra na Ucrânia e em outros países. Agradeçamos a Deus pelas FMA, pelos jovens e leigos que continuam a dar a vida com coragem.
- A realização de tantos eventos e encontros formativos sobre as origens carismáticas que envolveram as FMA, jovens e leigos de todo o Instituto FMA, reavivou no hoje o “*espírito de Mornese*” vivido por Madre Mazzarello. Podemos, pois, buscar força no carisma e continuar a difundi-lo, contando com as diversas vocações salesianas.
- O testemunho ativo do Papa Francisco que é capaz de a todos envolver, nos ajuda a viver a responsabilidade da sinodalidade em nosso trabalho educativo.
- A Celebração da gratidão à Madre Chiara Cazzuola reforçou o empenho de voltar às raízes na terra de nossos Fundadores.
- A programação do Conselho Geral que oferece processos e linhas comuns de ação é um apelo a projetarmos e fazermos escolhas que respondam, como comunidades educativas, aos tantos apelos de Deus já acolhidos no trabalho capitular.

De fato, experimentamos todos a certeza de que Maria caminha conosco como em Caná, Mornese e Nizza?

Caríssimos, é a hora do Espírito Santo que nos ajuda a discernir e avaliar as escolhas a serem feitas para viver como Instituto FMA, a sinodalidade que não deixa ninguém fora (por acaso há alguém que está fora?) e que nos faz capazes de viver e comunicar juntos a alegria do dom vocacional ao qual somos todos chamados.

Temos um belo testemunho da Família Salesiana na Igreja: um novo Santo salesiano, o Coadjuutor *Artemide Zatti*. Agradeçamos pela sua atitude sinodal, pelo seu grande humor, pela sua vida de profunda oração e a realização do seu sonho missionário junto aos doentes. Sua santidade aumenta nosso entusiasmo e nos abre à ação do Espírito Santo que nos guia no discernimento quotidiano para fazermos escolhas que a todos envolvam. Sigamos com fé e esperança rumo ao horizonte da santidade, para celebrar a festa do Vinho Novo que continua no nosso dia a dia.

Até breve!

Palavra de Camilla





Memória que gera vida

Don Bosco amadureceu a escolha de fundar uma **Congregação Religiosa feminina para a educação das jovens** em resposta às solicitações do seu contexto, a partir da constatação do estado de abandono e pobreza em que se encontravam muitas jovens, movido pela profundidade de sua devoção mariana: *“Cuide delas: são minhas filhas”* (Instituto FMA, *Cronistória* vol. p.25, Ed. Italiana). Enquanto ele amadurecia este projeto, em Mornese, (Alessandria) **Maria Domingas Mazzarello** membro da Associação da Filhas da Imaculada, animava um grupo de jovens mulheres que se dedicavam às meninas da pequena cidade, com a finalidade de ensinar-lhes a arte da costura e, sobretudo, para orientá-las a fim de que se tornassem boas cristãs e honestas cidadãs. Dois sonhos que se cruzam em um idêntico ideal: fazer nascer, também para as meninas e jovens uma Família religiosa análoga àquela dos Salesianos. **Maria Domenica Mazzarello foi Co – fundadora no dar forma e desenvolvimento ao nosso Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora.**

O nome das onze FMA está gravado na lápide colocada onde surgia a antiga capela do colégio local em que, no **05 de agosto de 1872**, em Mornese, elas emitiram a Primeira Profissão para serem, na Igreja e na sociedade, religiosas educadoras das jovens, especialmente das camadas populares. Cada uma traz consigo a própria história e tem no coração sonhos e aspirações de bem, juntamente a temores e medos. Vivem na simplicidade a **alegria**, *“sinal de um coração que ama tanto o Senhor”* e isto permite às primeiras FMA unirem o seu *“estar sempre em contato com a juventude”* com sua própria identidade de mulheres consagradas, habitadas pelo mistério de Deus, continuamente à escuta de sua voz para d’Ele aprenderem a verdadeira sabedoria da vida. Guiadas pela sabedoria formativa de Madre Mazzarello, as FMA conjugam com criatividade o *Sistema Preventivo* de Dom Bosco, com os recursos femininos e com as exigências da educação da mulher e da infância, com uma ativa presença no âmbito da escola e da catequese.



“A Igreja espera muito de vós: Como ontem, mais do que ontem [...]. Dificuldades existem sempre, mas hoje sabeis que é preciso uma dose de generosidade, de dedicação, de capacidade de sofrimento, de resiliência, de paciência, de sabedoria superior a ontem, portanto, em nome de Cristo que temos a missão de testemunhar nós vos pedimos a dedicação, o sacrifício, o dom total a Maria Santíssima para a glória de Cristo. Eis o que a Igreja espera de vós: não desiludi suas expectativas, mas respondi para além de suas mesmas esperanças” (SS. Paulo VI às FMA, Audiência extraordinária no Centenário do Instituto, 15 de julho de 1972).

A geratividade das origens é uma herança, é um apelo apaixonante para renovar a capacidade de ser Presença que gera vida e esperança e para aderir à realidade como educadoras para que os jovens tenham vida em abundância.

Uma “Igreja em saída”
na “dinâmica do êxodo e do dom,
do sair de si, do caminhar
e do semear sempre novamente,
sempre além” (EG 21),
uma “Igreja Sinodal”.



Istituto Figlie di Maria Ausiliatrice
Salesiane di Don Bosco

